



0

ALABAMA



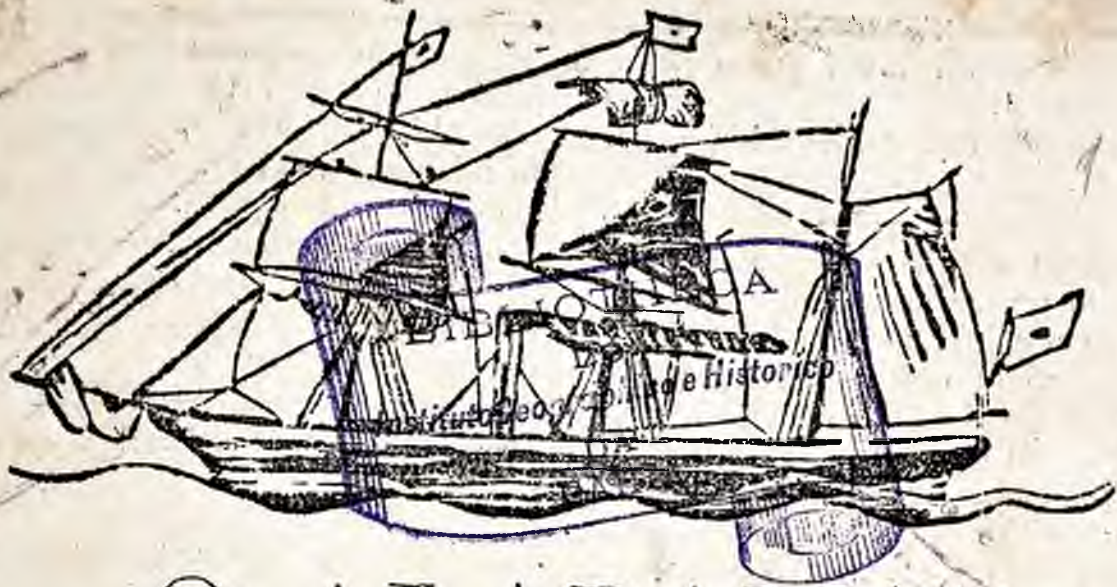
1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 46.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series.

BAHIA

5 DE JANEIRO DE 1869.

N. 453.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
4 de janeiro de 1868.

Officio á camara municipal chamando sua
atenção para a maneira porque a companhia
de vehiculos está fazendo o assentamento
dos trilhos, que, segundo nos informam, dei-
xam logares esburacados, como em S. Fran-
cisco de Paula, nos quaes ficam as aguas es-
tagnadas, tornando-se isso em grave prejuizo
da salubridade publica.

Em vista do que acima fica dito, espera-
se que a Illma. tome as providencias que o
caso requer.

—Ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa
Misericordia, chamando a sua paternal com-
miseração para o deploravel e miserando es-
tado de uma infeliz creança, exposta da San-
ta Casa, dada para crear em casa de uma
Srã. D. Maria, á rua de Baixo.

Corta o coração ver o estado da innocenti-
nha creatura, a quem a desdita ja persegue
desde o berço.

Engeitada por seus pais, entregue a pes-
soas extranhas e sem charidade, recebe a in-
feliz um tratamento que causa dó.

S. S., como desvellado pae de familia, se
condoerá, de certo, daquella desherdada da
sorte e procurará alliviar-lhe os soffrimentos.

—Como se explica isto!

O *Jornal* de sexta feira, dá o maior preço
da carne para a Baixa dos Sapateiros, a des-
oito vintens, entretanto mando comprar e
me vem carne de crusado!

—Ganancia dos cortadores.

—Porém não ha quem olhe para isso?

Ja na quarta feira um empregado do ma-
tadouro disse-me: —amanham o maior preço
da carne é de quatorze vintens.

Mando ao açougue e o comprador volta
com o dinheiro, por que a carne mais soffri-
vel estava a desoito vintens!

—Parece que os fiscaes andam de pencia
nos olhos.

—Ora isto é um martyrio!

Carne além de pessima, roubada no peso
e roubada no preço!

—A policia do Sr. Dr. Antero anda muito
atrazada.

S. S. precisa prover-se de agentes mais ac-
tivos e atilados.

—Isso é que é verdade.

—Ainda no domingo a policia fez uma di-
ligencia baldada.

—E' o costume de sitiarem o *ponto* aban-
donando o *deposito*.

—S. S. devia mandar in continenti cercar
a caza da preta Ephigenia, que vende pannos
da Costa, e uma outra ás Portas do Carmo.

A policia devia apprehender uma negra
que ás carreiras, descia a ladeira do Taboão,
quando a força se apresentou.

—Que remedio. Por um ponto perde-se um par de meias.

—E agora que espantaram o bicho, adeus minha onça.

—A camara municipal dá habitação de graça; quem quizer aproveite.

—Isso para mim é novo; onde é?

—Nos açougues vasios de S. Bento.

Conservam-se abertos dia e noite á disposição de quem queira.

—Ja sei. V. quer dizer com isso que elles servem de abrigo aos vadios, que ali acoutam-se á noite para praticar toda sorte de immoralidades.

—Não. Até um official reformado do exercito escolheu um dellés para seu domicilio, e ali vive em paz serena, ás vezes nú em pello.

—Olhe que V. é um inventor de *mil-idéas!*

—E' bom evitar um desastre.

—Que duvida!

—Neste caso seria prudente que mandassem arrear a hobreira da porta de uma casa, que fica fronteira a propriedade de azulejos do Sr. Costa Pinto, ao Jogo do Lourenço, cuja hobreira se acha desaprumada mais de um palmo.

Faça ideia que estrago não fará aquella enorme pedra vindo abaixo.

—Então ali que ha tantos meninos!

—Quem anda pela cidade baixa está exposto a um perigo imprevisto.

—Os galpes do olho-vivo?

—Não; as pisadellas dos carres de conduzir generos.

—Ah!

—O estouvamento dos caixeiros, que os empurram, de parceria com os pretos, a porfia em querer cada um que o seu carro passe ao outro, succede que muitas vezes abalroam-se em risco de machucar a quem transita.

—Principalmente nas voltas de rua.

—E' o que justamente ainda na quinta-feira ia dando-se.

—Mas eu creio que V. está perdendo seu tempo, porque realmente não sei quem deve tomar contas disso.

—Que novidade é esta?

Ha corridas na praça?

—Como está V. atrazado! Não sabe que chegaram noticias da guerra?

—Mas que ligação tem as noticias da guerra com semelhante borburiinho?

—E' que o presidente diverte-se; atria bo-

letins aos punhadós ao povo e ri-se de vel-o pisar uns aos outros para apanhal-os.

—Ah! o homem acha prazer em ver o povo rolando pelo chão.

—O caso não é novo.

—Sim, agora recordo-me que aqui mesmo ja vi uma scena igual, entre os meninos e os tripolantes de um barco norte-americano que aqui esteve.

—Commodidade de um; com prejuizo de muitos, não entendo.

—Nem eu.

—A casa, em que está estabelecido o hotel Central não tem comodods para isso.

—Rapaz, esta terra é de liberdade; logo que o proprietario recebe os alugueis pontualmente, está o caso decidido.

—Enganou-se; si for assim eu amanha vou estabelecer uma fabrica de cortumes na praça:

—Mas o que tem a allegar?

—E' que a casa alem de podre, não tem os requisitos necessario; o lugar em que está a cosinha e a maneira porque se acha collocado o fogão, ameaça incendio a cada hora.

—Receios vãos!

—A prova é que no dia 21 de dezembro ja ella ardendo e ainda la estão as vigas queimadas.

—E' o que entende V.?

—Que a policia deve obrigar o proprietario a reformar o fogão do seu hotel.

—Está dito.

—Desabou a parede de uma casa na Soledade, no dia 30 do proximo passado.

Ficaram debaixo das ruinas um pedreiro que a concertava e um servente.

—Penalisa-me bastante.

—Foram porem salvos, ficando o mestre da obra com um braço fracturado.

—Do mal o menor.

—Os ladrões visitaram a casa do Sr. Olegario, na Palma, e levaram tudo que puderam, no dia 1.º

Desta vez, porém, foram ladrões tementes a Deus, por que deixaram intacta uma imagem do Santo Christo ricamente aparelhada.

—Como vae minha terra!

Como vae minha chara Bahia!

Antes habitar em Latronopolis no meio de tratantes e ladrões, do que na degenerada predillecta de Cabral.

—Mas que houve?

—O que houve? Ainda m'o pergunta!

Não vê os ladrões como estão ousados?

Não vê os malfeteiros como andam de cabeça alçada?

Não vê os turbulentos como campeiam impunes?

Não viu, na quinta feira, um desalmado quasi a mandar tres viventes para a outra vida?

—Como foi então a gracinha?

—Escute.

Manuel de tal, pedreiro, guarda da Sé e morador no memoravel becco do Escorrega, vendeu um paletot roubado ao Domingos, com venda á rua da Oração.

—Não é bom indício comprar objectos dvidosos.

—O subdelegado mandou-o buscar por dous policiaes e Domingos acompanhou-os para mostrar a casa.

O bicho estava na toca e ao aperceber-se da matilha policial, armou-se de bayoneta, feriu a todos três, sendo um gravemente, e fugiu!

—Perversa indole!

Esse Manuel ja é avesado a taes cousas. No dia da Conceição subtrahiu de um menino 1000 rs.

—Ouça mais está:

O Sr. Manuel não sei de que, morador ao becco dos Tanoeiros, trancou cuidadosamente a sua porta e sahio, quando voltou no sabbado, achou-a aberta, encontrando de menos nella alguns objectos de ouro no valor de 1:500 rs.

Os visinhos dizem que viram Francisco Nogueira, vulgo *Chicão*, sahir com uma trouxa em baixo do braço, mas o rapaz diz que so si foi outro que tomou-lhe as feições emprestadas.

—Com effeito!

Desta maneira não se pode viver em tal terra.

—Outra:

Os ladrões na vespera de Natal, deram no 2º Andrade e, diz o dono, que lhe levaram 45 saccas de assucar.

—Aquelle Caes Dourado é um covil de ladrões?

—Ha quem diga que houve carambola.

—O assucar, dizem, estava escondido em uma cova, em baixo de uma oliveira, no quintal da quitanda do Zézé, que anda na cheta; mas quem pagou o patao, foi um rapaz Domiciano.

—Pagou o justo pelo peccador.

—Eu creio mais, que por alguma que ja hesse feito.

Mais uma:

Uma menina, achou uma carteira com porção consideravel de dinheiro.

Entrou em uma venda, comprou um pão com manteiga e deu uma cedula de 1000 rs.; o vendelhão recebeu-a e deu troco de 200 rs.!

—Boa-fe de cigano; inteireza de rato.

—É verdade que entregou, quando se via apertado.

—E o dono recebeu o dinheiro?

—Menos 5000 rs., que, dizem, a menina dera em uma loja, á cidade baixa, por um boneco chorão...

—Caro boneco!

—...e que o logista diz não ser com elle.

—E fez muito bem, si é assim; quem tem na mão é seu dono.

—Deixe la disso! O alheio chora seu dono.

Escute agora duas empalmações:

Anda aqui um rapaz, Castilho, da pelle do diabo; no dia de Anno Bom, não achando em quem pregasse alguma peça; e para não começar o anno em sosso, desforrou-se com o proprio tio, gatunando-lhe o relógio.

—Tubarão quando não tem o que comer, come a seus filhos:

—José Aniceto; conhecido pelo Cadete, encontrou no primeiro do anno um tabareu com 3000 rs.; á pretexto de comprar-lhe qualquer cousa, deu com elle em sua casa...

—Levar o puto ao mourão; chama-se na giria.

—Fez o jogo da *vermelhinha* e ficou com os cobses do matuto.

—Esta cidade está contaminada de larpios!

—Vamos as turbulencias.

Na vespera de Natal, um grupo de estabados foram a um enterro na Quinta dos Lazaros.

Iam todos nos *aguaceiros*.

Capitaneava a malta um cujo que *hi no almanak* ser *fiscal*.

Cometteram mil escandalos e desacatos no recinto dos mortos, profanaram com indecencias o logar sagrado e por fim espancaram o coveiro.

—Nem a habitação dos mortos escapa ao desrespeito de tão dissoluta gente!

—Na noite de 31 do p. p., uma turba de capadocios despedia-se do *anno velho* e não houve obscenidade, algazarra por mais immoral, que não praticassem nas freguezias da Sé e S. Pedro.

—E no outro dia as paredes e portas amnheceram estampadas de deshonestidades.

—Manuel Camamu, no sabbado, depois de rasgar a facha de um inspector e espancal-o, encastellou-se em casa, na freguezia de S. Pedro, de bayoneta e revolver, e fez proezas.

Si não é a presença do chefe de policia, a cousa ia longe.

—Que damnado!

—No domingo de manhan havia uma estrondosa matizada nas Portas do Carmo.

Era uma bulha triplice; duas mulheres e um carroceiro.

Pedradas, supapadas, empurrões e palavradas, houveram a valer.

—Arre! V. hoje quer me absorver todo tempo e eu tenho mais a quem ouvir.

—Enfastiou-se? Então retiro-me.

—Não ha policia para conter os turbulentos e perturbadores do socego publico.

—Mas ha policia para fazer disturbios e commetter excessos.

—E' o que eu ia dizer, por ver o que fez a policia na quinta feira na Baixa dos Sapateiros.

Dous guardas espancavam rigorosamente um moleque da casa do Sr. Paranhos. O facto de se approximar um preto, padrinho do moleque, para indagar o que era, foi bastante para ser tambem espancado e preso. Ao passar pela porta do Sr. Paranhos, ao Maciel de Baixo, o preto barafustou pela porta a dentro. Os soldados invadiram a casa até o interior!

—Tambem um dia destes, o cabo *cabeça preta* malhava em um menino como si fosse n'um pau.

O Sr. tenente Francellino passou na occasião e reprehendeu-o. Tanto peor para o menino, por que logo que o tenente voltou as costas, o furibundo cabo redobrou de rigor.

—E quando praticam qesses mal-feitos, abusam do nome dos superiores, dando-lhes a responsabilidade de taes desmandos.

—No dia 23 de dezembro do anno proximo passado, teve logar na secretaria do corpo policial a apresentação das propostas para o fornecimento de medicamentos para o hospital do respectivo corpo.

—Conte me o que houve.

—Então tenha a bondade de ouvir-me:

N'isso, como em tudo mais n'esta terra, presidiu a costumada parcialidade e injustiça!

Avalie devidamente V. o que lá se deu:

Apresentaram-se tres propostas, das quaes a primeira offercia *gratis* o fornecimento do mez de janeiro, com o necessario vasilhame, e o abatimento de 5 % sobre os preços do formulario, relativamente aos onze mezes, restante do anno; a segunda proposta tambem offercia o primeiro mez *gratis*, com o vasilhame e os onze mezes com abatimento

sobre a proposta d'aquelle que por menos fizesse.....

—Esta proposta devia ser considerada sem vigor, pois que, segundo o que havia dito o commandante, não seria accita aquella que não fixasse preço.

—..... a terceira proposta offercia 20 % de abatimento com o vasilhame *gratis*.

—E' claro que esta ultima proposta é a mais vantajosa!

—Mas porque?

—Vejamos:

Calculando-se o fornecimento em cem mil reis mensaes, 5 % em onze mezes importam em 55\$ rs., que addicionados aos 100\$ rs., importancia do mez *gratis*, prefazem a quantia de 155\$ rs.—eis as vantagens da primeira proposta.

—Agora vamos á terceira.

—Faça favor attender-me:

20 % em doze mezes importam em 240\$ rs., dos quaes abatendo-se 155\$ rs., fica de saldo para o hospital 85\$ rs., confrontando-se as duas propostas, pois que a segunda deve ser considerada prejudicada, pelo motivo allegado, a de mais vantagem é a de 20 %, que d'esta arte dá—um mez as vasilhas e mais 7 $\frac{1}{12}$ % de abatimento sobre os preços do formulario.

—Tudo isso nada quer dizer quando o patronato é cego!

—Embora soffram os cofres provinciaes, não?

—Que importa que elles enthysiquem?!

—O' tempora ó mores! Oh tempo das protecções!!.....

ANNUNCIOS.

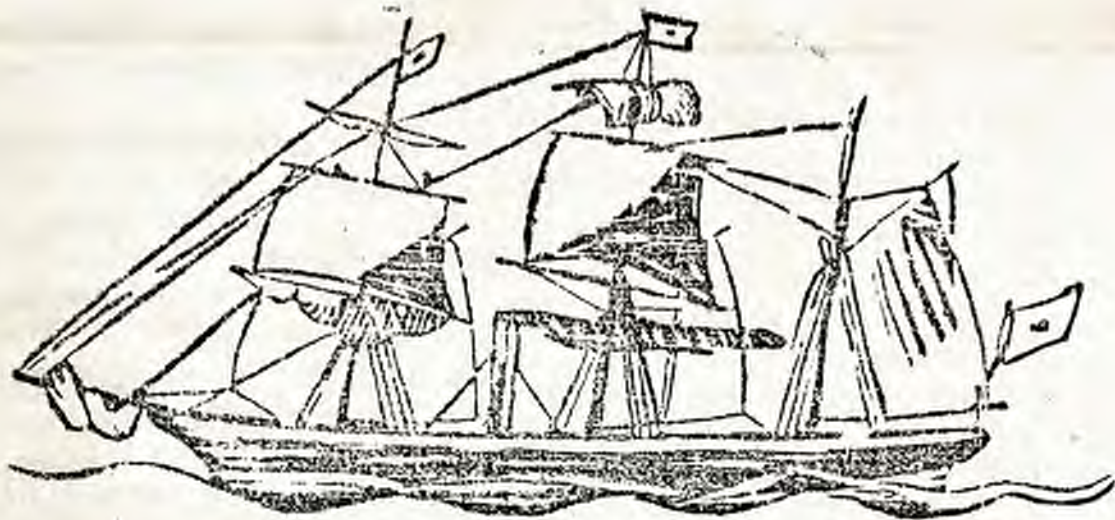
Vende-se ou aluga-se duas caixas de figuras para presepe de falla; cada caixa tem 50 figuras. Para tratar com João José Ferreira, ao Castanheda.

Pede-se a um Sr. Cardoso que vá pagar o que deve n'uma loja de sapateiros, á rua do Collegio, do contrario, na primeira occasião, verá por extenso seu nome, bem como sua morada e profissão, para que o publico o fique conhecendo bem.

VERDADEIRO CAFÉ PURO:

O muito bom e bem conhecido café moído puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, e na Saúde, rua do Jôgo do Lourenço, casa n.º 199.

Previne-se que qualquer porção comprada levará no involtorio o distico seguinte—M. José de Azevedo—faltando o qual deixa de ser dos logares indicados: outro sim não se vende para taberna alguma.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Serie 46.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

9 DE JANEIRO DE 1869.

N. 454.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
8 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, submettendo a sua illustrada consideração o seguinte:

No dia 9 do passado, na fazenda Pitanga do Sr. capitão Salvador Pires, Calixto Ferreira deu em Honorio Fiel de Cerqueira tamanha enxadada na cabeça, que lhe fez saltar os niolos e do que falleceu dahi a tres dias no hospital de charidade; entretanto Calixto homisiou-se em casa de seus parentes, no sitio das Arcias, freguezia de Pirajá, e ali passeia livremente a qualquer hora!

Não convindo que continue elle a zombar da accção da lei, recorre-se ao alto criterio de S. S. para que determine a captura de semelhante criminoso e o submeta a sancção penal.

Portaria ao fiscal da freguezia da Penha, ordenando lhe que vá ao Porto do Bomfim, e mulete a uma sucia de capadocios que tomam banhos nús, sem respeito ás familias que por ali moram. Cumpra.

— Como pôz esta vibora humana as mãos da pobre criança!

— Que malvada!

— Como se chama?

— Cecilia Anna Joaquina d'Assumpção; mora na Rua do Paço.

— Ha gente de todo calibre!

— Na verdade, é preciso ter um coração de fera, para ter animo de queimar as mãos de uma creança por tal maneira.

— Amanham a sociedade Monte-Pio dos Artifices solemnisa o 36.º anniversario de sua inauguração.

— Estou sciente.

— Não se pode deixar de chamar!

— O que é que houve?

— O que houve não, o que ha.

— Mas o que é que ha?

— Falta de segurança.

— Gra! materia gasta.

— Mas os ataques á vida do proximo repetem-se espantosamente.

Ainda na vespera de rei, á noite, o Sr. Amazonas, ourives, foi atacado na estrada da Victoria por dois sujeitos, que o deitaram ao chão e enquanto um apertava-lhe o pescoço, o outro malhava-o de cassetete.

— Queriam dar cabo da pelle do homem.

— De certo, si o accaso não permite que passasse alli um homem.

— Como vac esta terra!

— O mais notavel em tudo isso é que comparecendo a patrulha deixou ir em paz os aggressores, por que, disseram os soldados, não era noite de se prender!

—Está bom! Fiquem de sobre-aviso os malfeitosres, que ha noites que lhes dão immunidades pera commetter crimes.

—Pobres soldados de policia!

São obrigados a fazer milagres.

Não lhes dão o que vestir e querem que andem limpos e aceiados.

—E' uma injustiça.

—Ha praças que estão ainda para receber o fardamento de 1865.

—Entretanto si um desses se apresentar esfarrapado, hão de querer castigal-o!

—Capitão, V. Ex. conhece o *Cospe-cospe*?

—E' a primeira vez que ouço fallar nelle.

—E' um pobre de espirito, que anda nesta cidade, cujo fraco dá para *gamenho*, mas que entretanto não offende a ninguem.

—Sim; e o que teve?

—Entrou hontem em certa botica e mandou o boticario despejar-lhe quatro vintens de essencia d'alfazema n'um lenço.

O malicioso boticario em logar de cheiro despejou agoa-raz.

—Graça que cheira a malvadeza.

—Depois que o homem sahio, conheceu o engano e voltou a reclamar.

—Como era natural; e o que fez o boticario?

—Atirou com o pobre do homem em corpo e alma sobre as pedras.

—E' tyranmia. Causar dous males a um tempo; estragar o lenço e maltratar o corpo do homem!

—Não posso presenciar taes cousas de animo socegado e por isso corri a lhe participar.

—Na verdade é reprovavel; já agora encarregue-se V. mesmo de dizer ao tal boticario que não caia n'outra, do contrario. . .

—Capitão, um procedimento intoleravel.

—De quem, rapaz?

—Dos presepistas.

—A razão?

—Porque vendem bilhetes publicamente com disticos para homem ou senhora, sem mais outra declaração e depois querem crear distincções estupidas.

—Qual é a distincção?

—Mulher de côr ou solteira não entra.

—Asneiras.

Supponha que eu sou casado com uma creola, compro bilhete para mim e ella, não lei de entrar?

—Parece que a policia deve intervir nisto, para não se reproduzir o desafôro que deu-se outro dia, na rua de Baixo, de expulsarem da

sala duas moças, á pretexto de serem meretrizes.

—Si eram meretrizes, para que lhes venderam bilhetes?

—O caso é que os bailes pastorís, que eram destinados a applaudir o nascimento do Redemptor do mundo, transformaram-se em especulação e modo de ganhar dinheiro.

—E o Sr. arcebispo tolera que uma Imagem do Menino Deus, collocada n'uma sala, sirva de pretexto a essa ganancia e esteja exposta ás chufas dos pantomimas!

—Foi recolhida ao hospital, no dia 5 de janeiro, pela manhan, uma croonla com tres facadas que lhe dera o seu amasio, tambem creoulo, remador de saveiro.

—Em que logar se deu o facto?

—Na rua de S. Miguel. O criminoso foi immediatamente preso e vac ser processado.

—Qual o motivo que o levou a praticar semelhante attentado?

—Dizem que ciumes.

A offendida, depois que se fez o corpo de delicto, retirou-se do hospital e foi curar-se em sua casa.

Ainda mais outro.

—Vamos lá.

—Nesse mesmo dia, á noite, tambem foi recolhida ao hospital uma mulher, de côr parda, á quem uma outra, tambem parda, retalhou o corpo de navalhadas, sendo algumas no rosto.

—Esse outro facto em que logar deu-se?

—Na rua do Gravatá.

—E porque praticou isso essa desalmada?

—Consta-me que por desconfiar ter a outra conversado com o amasio della.

O subdelegado de Sant'Anna mandou recolhê-la na correção e vac ser tambem processada.

—Que cumpram as authoridades processantes com os seus deveres, e não se deixem levar por condescendencias.

—Que risco corri agora, capitão!

—Alguna faca aos peitos?

—Não; vi-me embaraçado com um boi.

—Ora não me aborreça.

—Acha que é graça ver-se um homem dependurado nos chifres de um furioso animal daquelles?

—Ora adeus!

—Ha cousas que parecem não valer á pena e que não devem passar por alto. A frequente conducção de bois pela cidade baixa, pode occasionar alguma desgraça; mórmente na hora em que soltam-se as escolas.

—Ahi lhe acho razão.

—Os bois embravecidos, remetem aqui e acolá, causando sustos e carreiras ao immenso povo que transita na cidade baixa.

—E que providencia acha que se deve tomar?

—Marcar-se um logar retirado para desembarque do gado.

—A lembrança não é má; si quizerem podem aproveitá-la.

—E' sangue que contém aquella bacía?

—Que a mulher que vae dentro da cadeirinha leva no collo?

—Sim.

—E'.

—E sabe o que foi?

—Consta-me que é Honorata Maria da Boa Hora, moradora na Conceição da Praia, que vae á policia queixar-se de um individuo, que hontem entrou em sua casa e violentou-a a um acto de libidinagem forçado, do que resultou hemorragia.

—Ora, na verdade, nesta terra dão-se cousas bem singulares.

—Na vespera de Reis, á noite, houve pancadaria á valer no Rio Vermelho.

—Dizem que foi cabeça do barulho o Anjo da meia noite.

—Ficaram bastante maltratados um cabo e um sargento do 4.º batalhão.

—Mas que quer V., si a povoação do Rio Vermelho está entregue ás baratas!

Á PEDIDO

PERGUNTA CURIOSA.

Que distancia não correa,

Que barulho que não fez,

A balla que matar veio

O cavallo do marquez?

A espada virgem.

—Capitão, proezas do Chico Russo.

—Não conheço.

—Nem pode conhecer.

—Então viveram.

—Eu lhe digo a razão.

Chico Russo foi um subdelegado, que houve em certa freguezia de fora, em outros tempos.

—Historia de eras remotas! Não me serve.

—Capitão, as proezas de Chico Russo, embora passadas, interessam.

—Pois continue.

—Chico Russo, era desses subdelegados que se servem do cargo em proveito pessoal.

Tinha uma queda inimitavel para rapina, um atractivo admiravel para o alheio.

Um dia, appareceu nos dominios de sua jurisdicção uma vacca perdida e como era gado sem pastor, Chico Russo chamou-a a si.

Dias depois appresentou-se o dono da vacca e o subdelegado da roça sem o menor pejo disse que a tinha comido!

—Cara dura!

—O homem instou e elle passou uma lettra.

—Teve consciencia; vontade de pagar.

—Mas de que servia tal lettra, si nenhuma valor judicial tinha?

—Então foi uma escamotagem.

—Boa duvida!

Uma pessoa encontrou em sua roça um cavallo abandonado e o levou ao subdelegado para entregar a quem fosse seu dono.

Chico Russo, que apesar de bestalhão como ninguem, tem propensão para o comunismo aladroadado, proclamou-se immediatamente senhor do cavallo!

—Desta sorte insituiu-se herdeiro dos ausentes.

—Mas como podia apparecer o dono do animal, mandou-o trocar por outro em Canguuru.

Apossou-se de um burro que não era seu, e o empregava em carregar carvão para ser vendido na cidade.

—E diz-se que a policia persegue os ladrões de cavallos, quando eu os vejo occupando cargos nella!

—Com o burro, porém, Chico Russo foi mal succedido, por que o delegado de seu tempo, logo que teve conhecimento de tão descarada tranquiernia, mandou recolher o animal ao curral do conselho.

Para outro homem que tivesse brio, isso bastaria para correção; mas para um velhaço da ordem de Chico Russo, nada foi.

Eu vou a Pirajá e hei de estar com um velho que morou na freguezia, onde isto se deu, e elle me dará informações para lhe transmittir. *(Continúa.)*

—Aspirante João de Deus!

—Prompto.

—Quem é um gallego que estaciona em certa tasca, junto a um pilar e visinha de uma cesa de purificar assucar?

—E' o José das Fazendas, capitão.

—Chame á contas esse casmurro; tem gestos de tratante.

—V. Ex. não se enganou, capitão.

Em outra terra, que não fosse Latronopolis, tal labrego seria obrigado a explicar d'onde lhe veio repentinamente tanto dinheiro.

Mas isso não é para aqui, onde os ladrões andam altaneiros e são galardoados.

—Deixe os commentos para depois; e trate do personagem que está em scena.

—*José das Fazendas*, inda ha bem pouco tempo, era um gallego breado, cujo chulé causava nauseas.

Nesse tempo ainda não tinha elle mudado o nome de *Quincas da Silva*, para o pomposo de *José das Fazendas*.

Em Latronopolis todos o conheceram mettido n'um pequeno batel, feito remeiro.

—E como adquiriu tanto dinheiro?

—*José das Fazendas* dedicou-se a transportar roubos á noite, e toda a extensão do *Caes do ouro á ribeira* que, fica alem do *penhasco*, foi theatro de suas façanhas.

—Dos mais destemidos entre os muitos deste genero de vida, levou vantagem sobre os mais, porque a fortuna ajada aos audazes.

Em breve adquiriu nomeada espantosa.

José das Fazendas era o melhor freguez de assucar roubado que havia.

Era o fornecedor absoluto de todas as tabernas que ha no *Caes do ouro*, *Pés de Cóco*, etc., que compram furtos.

Trabalhava toda noite e descansava de dia.

Mancomunado com os pretos d'alvarengas, seu negocio progrediu.

Comprou logo uma bodega no *Segura Parede* e ali estabeleceu o centro de seus latrocinios.

Hoje, *José das Fazendas* tem dinheiro nos estabelecimentos, tem em certo trapiche grande deposito de assucar ensacado, que ninguem sabe d'onde lhe vem e exporta grande quantidade d'elle para o reino.

—Como se operam esses milagres é que não sei.

—V. Ex. ouviu em resumo a historia do aventureiro labrego; agora vou pô-lo á sua disposição.

(Continúa.)

—Capitão!

—Diga lá.

—A's 2 horas da tarde do dia 2 do corrente, um sujeito, por nome Canuto, caixeiro da botica do Sr. Avelino, ao Cabeça, em vez de estar no mostrador, para não se enganar nas receitas, sahiu de seu lugar, contra os interesses do amo e da decencia, para vir dar bofetadas n'uma pobre africana liberta por que esta teve o atrevimento de pedir á creoula sua amasia os 25 rs. que estava devendo!

Todo o mundo, capitão, revoltou-se contra semelhante violencia, porque o tal *rapazito* foi buscar um inspector de quarteirão chamado Magarão, para com elle espancar e arrastar ainda mais á infeliz!

Um cidadão pronunciou-se contra a inter-

longe do manter a ordem, veio augmentar o barulho.

Sabe do resultado? Este cidadão foi preso, tirado de sua propria casa e escoltado por 3 soldados, porque o subdelegado quiz vingrar o prestigio do seu inspector.

—Amigo, quer saber de uma cousa?

—Diga, capitão.

—Vá para sua casa, pois que agora o Brazil chegou ao tempo do viva quem vence.

Vá para casa, repito, porque si V. fosse actualidade podia até ser assassino e não tinha nada.

VARIÉDADES.

MEBIDA DE UM BURRO.

Estando alguns pedreiros para começar a fazer, em certo lugar, uma pia para beberem as bestas, e não sabendo a altura que haviam de dar, aproximou-se o alcaide da terra e se inclinou, como se fosse besta, e disse:

—Façam a desta altura, que onde eu chego poderá chegar qualquer burro.

—Olá, Sr. José, disse um moleque a seu companheiro; vossê está bebado, e ha pouco disse-me que nunca bebia cachaça!

—E' verdade, respondeu o outro; mas eu lhe digo como isto aconteceu: eu nunca bebo cachaça; isto está em regra; mas todos os dias faço uma exceção. Não ha regra sem excepção!

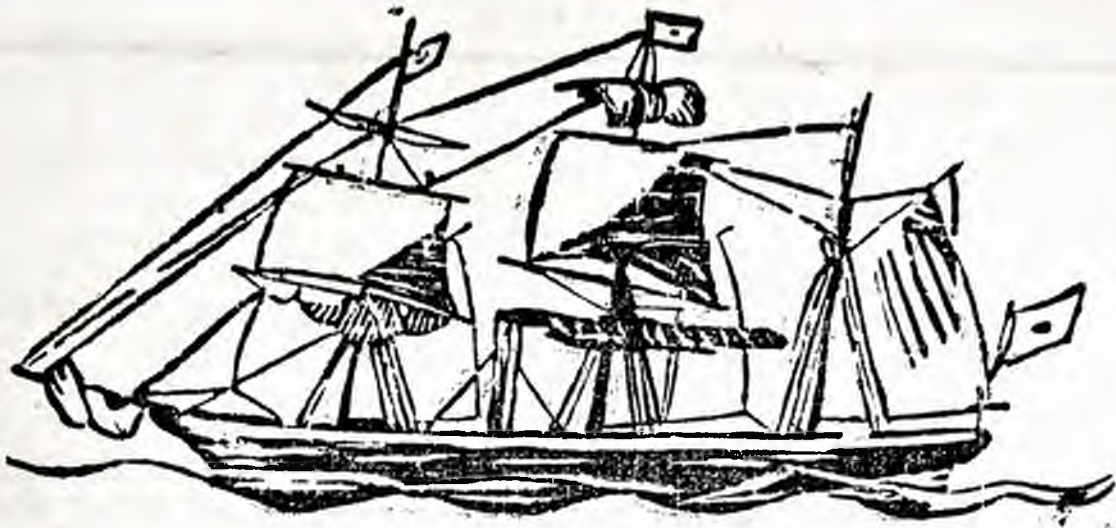
ANNUNCIOS.

Hygino Francisco da Silva, á rua do Comercio n.º 3, precisa de bons officiaes de alfaiate com especialidade de miudos; pagando bem.

Acham-se em impressão os primeiros numeros de uma publicação periodica, especialmente dedicada á traducção da obra completa de Ponsou du Terrail—*Os dramas de Paris*—vulgarmente—*ROCAMBOLE*.

O prego será de 1\$000 por serie de 15 numeros, formato *in-quarto*. A empreza teve por fim adoptando essa forma de publicação, facilitar, pela commodidade, a leitura aquelles, que desejam ler a primeira composição romantica do seculo.

Assigna-se nesta typographia, nas lojas de livros da Viuva Lemos e do Dr. Martins Alves; nas boticas da Praça e do Sr. Jobão, rua da Misericordia; nas lojas de charutos dos Srs. Vasconcellos, na mesma rua, e Lúdydo atraz da Sé, loja de sapatos do Sr. Emygdio e na rua Direita de Palacio e na loja do Sr. Atipio.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo. quina da rua do Collegio n.º 17.

Serie 16.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

12 DE JANEIRO DE 1869.

N. 455.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
11 de janeiro de 1869.

Não houve expediente.

— Bem, se diz que o progresso desta terra
é de carangueijo.

— O que ha agora?

— Não sei si recorda-se de uma determina-
ção da camara, para que ninguem possa edi-
ficar, sinão com vinte palmos, pelo menos,
áquem do alinhamento das ruas, sendo esse
espaço occupado por jardins?

— Perfeitamente; é a postura— I— que de-
termina isso.

— Pois bem; na rua da Valla, defronte do
hospital de S. Francisco, estão edificando ca-
sas em zig-zags e á beira da estrada, sem
terem ao menos quatro palmos de distancia
do passeio.

— E quem tem culpa?

— O deleixo em que deixam tudo.

— Pois si V. sabe disso, cale-se.

— Ou a policia anda de olhos vendados, ou
os malfeitos são invisiveis.

— Porque diz isso?

— Porque o Manuel, pedreiro, a quem a
policia anda em busca, por offender com uma
bayoneta a um individuo e ao ordenança do
súbdelegado da Sé, andou na noite de Reis
acompanhando um rancho.

— Mas si é theoria dos soldados— que nessa
noite não se prende ninguem?

— Dous menores da companhia de apren-
dizes marinheiros estão inutilizados.

— Como?

— Um de perna fracturada e o outro lan-
çando sangue.

— E' pena!

— Tiveram licença para sahir na noite de
Reis uns 40; destes, alguns foram á Barra,
lá treparam n'um muro d'onde cahiram. Eis
como se deu o fracasso.

— Eu sempre previ uma desgraça destas,
quando via os meninos andarem pela cidade,
aes bandos, entregues a si mesmos.

— O que pretende, camarada?

— Uma esmola para enterrar a mulher que
levou as navalhadas.

— A estrategia não é má! A mulher viva e
bem viva no hospital, e o Sr. pedindo esmola
para enterral-a!

Ora, boa policia temos nós!

— Ouça esta do *Pilra*, que tem graça!

— Que sujeito é esse?

— Um individuo, cujo meio de vida conhe-
cido é tirar *missas pedidas*.

— Pode seguir.

— Na quinta-feira ultima, andava elle pela
Calçada do Bomfim na sua exploração.

A colheita estava bem adiantada, quando

elle foi pedir em uma casa, onde, por acaso, esbarrou-se com uma mulher que já lhe tinha dado esmola outro dia:

«Uma missa pedida para o Senhor do Bomfim, que acaba de me restituir a vida, disse elle.»

«Mas, senhor, hoje fazem justamente oito dias, que eu lhe dei esmola na cidade para o mesmo fim; observou a mulher.»

O sujeito sem embarçar-se, replicou com admiravel sangue-frio:

«O que, senhora? Essa missa já eu mandei dizer na sexta-feira passada. Agora peço por uma forte *rechida* que tive.»

— Bem feita!

— A mulher ficou de bocca aberta e *Pitira* safou-se muito lampreiro para a cidade a desfructar o fructo de sua especulação d'aquelle dia.

— Parece que esta terra se remonta aos tempos de selvageria!

A cada canto facadas, cutiladas, espancamentos.

Raro é o dia em que não se tem a registrar um caso destes.

— Ainda a 29 do proximo passado o creoullo Damião, escravo de uma freira, esfaqueou, na freguezia de Sant'Anna, a Miguel, tambem creoullo e escravo, e pôz-se no *piso*.

— Não sei isto em que dará.

— Teve logar no domingo, como noticiamos, na sociedade Monte-Pio dos Artifices, a solemnisção do 36.º anniversario de sua installação.

O acto esteve muito concorrido.

Presidiu a sessão o Sr. Dr. chefe de policia, por não ter comparecido S. Ex. o Sr. presidente da provincia.

Foram lá representadas pelas suas commissões as seguintes associações:

Sociedades philarmonicas — *Terpsychore*, *Campequina* e *Minerva*; sociedades beneficentes — *Monte-Pio da Bahia*, *dos Artistas e Desvalidos*.

— Disseram-me que o chefe de policia deu um *não apoiado*, na occasião em que fallava o relator da commissão do *Monte-Pio da Bahia*?

— E' verdade. O relator dessa commissão disse que os artistas de que se compõe a sociedade são nobres por sua moralidade e costumes, embora sejam os artistas olliados pela classe dos aristocratas com indifferentismo e desprezo, e que só se lembram delles na occasião em que precisam do seu voto para galgarem o poder, calcando-os depois debaixo das plantas! . . .

— E á que veio esse *não apoiado* do chefe de policia?

— E' porque elle tambem se considera na classe dos aristocratas.

— Ah! . . . Eu não sabia que o chefe de policia tambem era aristocrata. . . .

— Assim deu elle mesmo á entender com o seu *não apoiado*.

— Ora estes bolecios são sempre o diabo.

— Que fizeram?

— Um delles, no sabbado á noite, conduzia o carro com tamanho arranco, que o commandante das armas, que vinha do lado opposto, não se poudo desviar e ficou gravemente maltratado.

— Por mais que se clame, é debalde.

— Agora, como a offensa foi ao commandante das armas, pessoa qualificada, talvez apareçam providencias.

— Chegou mais um portador de noticias.

E' o paquete francez *Danube*.

O exercito brasileiro cobriu-se de gloria nos dias 21 e 22 do passado, no ataque das posições paraguayas da Angostura e Lomba-Valentina.

Os detallies em seguida são tirados da correspondencia de Buenos-Ayres para o *Journal do Commercio*:

«No dia 21 ás duas horas da madrugada é que principiou pelo bombardeio da esquadra o ataque ás posições inimigas, e como quanto sejam muito incompletos os dados sobre a forma em que elle teve logar, direi o que se sabe, prompto a rectificar depois os erros em que tiver incorrido.

«Os tres corpos brasileiros tomaram posição formando como um semi-circulo irregular em frente da linha paraguaya, todavia o ataque sério devia ser primeiro contra o centro-della, afim de cortar e abrir passo ao exercito argentino que ficava além; e logo contra a Lomba-Valentina, de modo a encerrar o inimigo na Angostura de onde não escaparia um homem.

«Pelas duas horas da tarde foi que o ataque se formalizou.

«Nossa artilharia rompendo um fogo vivissimo, foi de egual forma respondido. Ao mesmo tempo as columnas do ataque avançavam contra o reducto paraguayo do centro e sua primeira trincheira.

«O inimigo defendia-se com tenacidade, mas as tropas brasileiras estavam possuidas de um indisivel enthusiasmo. Si alguma vez a metralha as abalava, ou fazia recuar, ellas voltavam logo com novo ardor; e aos batalhões que por soffrerem muitas perdas s

moviam, vinham outros substituí-los. «A soberba cavallaria rio-grandense to-
ara também uma parte muito importante,
por vezes conseguiu approximar-se das
trincheiras, tendo também de recuar, menos
por desanimo dos homens, do que pelo pa-
r que se apossava dos cavallos ás descár-
as da cavallaria e infantaria inimiga.

«Assim se manteve o combate durante
quatro horas; eram ja grandes as perdas do
exército brasileiro, quando chegou a divisão
do brigadeiro Menna Barretto á tomar um
reducto e a primeira trincheira inimiga. Ahi
ahiram em nosso poder alguns canhões,
mas a numerosa força de infantaria que ti-
ha defendido essa trincheira, como movida
por uma mola, recolheu-se subita e instan-
aneamente á segunda trincheira.

«Não o fez, sem embargo, tão rapidamen-
te, que não perdesse muitos centos de ho-
mens o que junto a mais de 2,000 homens
que deixou mortos ou feridos na mesma trin-
cheira elevaram sua perda a 2,500 homens
ou mais.

«Toda a noite de 21 para 22 não se inter-
rompeu o fogo de artilharia, e também de
infantaria, sendo evidentemente a idéa do
marquez que o inimigo não tivesse um só
momento de descanso, pois no dia seguinte
pretendia levar-lhe um ataque decisivo.

«Também as tropas brasileiras substituíam-
se por divisões, ou brigadas para tomarem al-
gum alimento e breves momentos de descan-
ço, cuidando logo de promptificar seu arma-
mento e munições:

«No dia 22, apenas amanheceu, o fogo rom-
peu furibundo, parte contra Angostura, e mais
inda contra os fortes reductos da Lomba,
onde constava que estava Lopez com o maior
numero de forças que lhe restavam e um
crescido numero de canhões em duas trin-
cheiras quasi parallelas.

«Sendo, pois, este o centro de resistencia,
contra elle dirigiu se um ataque, no meu
pensar o mais formidavel da presente guerra.

«Só na primeira trincheira tinha o inimigo
45 canhões, e uns 2,500 homens de infantaria,
augmentando-se extraordinariamente a
força dessa posição pelo facto de ser domi-
nante, como deixa ver seu nome de *lomba*,
isto é, colina que se ergue *ex-abrupto* sobre
um terreno geralmente plano.

«Nossa artilharia sendo, como não podia
deixar de ser, inferior em numero e em cali-
bre á do inimigo, fez contra elle desde pela
manha um fogo incessante, mas era a infan-
taria e por algum dos pontos a cavallaria,
que tinham de sustentar o combate quanto
fosse necessario até vencer uma trincheira

artilhada com 45 canhões e apoiada por ou-
tra ainda mais poderosa e elevada!

«Pelos dous pontos, que pareciam menos
inaccessíveis, avançaram á principio nossas
columnas, de ataque e cada passo que davam
custava lhes um cento de homens. E' que o
fogo dos paraguayos era infernal e o terreno
inteiramente desfavoravel para os assaltan-
tes.

«Mas o soldado Brasileiro reúne á sua in-
trepidez uma qualidade não menos apre-
ciavel, que é a agilidade; e em combates como
o da Lomba-Valentina, é decisiva.

«Foi assim que depois de algumas horas
de fogo tão vivo, «que parecia, diz-me al-
guem, uma só descarga de artilharia e infan-
taria mesclada»; chegou nossa columna da
frente á trincheira paraguaya, e conseguiu
tomal-a.

«Porém o inimigo fazendo-se forte sobre a
segunda trincheira carregou com todo o peso
de suas forças e obrigou os nossos a retira-
rem-se.

«Avançaram novas columnas brasileiras, e
por segunda vez a trincheira cahiu em seu
poder; novo avalanche de paraguayos cahiu
sobre elles, e tem ainda de ceder.

«Repete-se o facto por terceira vez, por
quarta vez, e acaso nunca se viu equal en-
car্নicamento entre assaltantes e assaltados
uns para tomar, e outros para reconquistar a
trincheira.

«Dez horas durava essa peleja homérica, e
milhares de combatentes mortos nivelavam
quasi o fosso e trincheira com o terreno ad-
jacente. Nossos batalhões estavam desfeitos,
e havia alguns que tinham apenas em pé a
força de duas companhias. Porém era um
duello á morte, e cumpria vencer.

«A quinta vez que nossos valentes sol-
dados tomaram a trincheira, tinha-se appo-
sado delles tanto ardimento, que foi em vão
o inimigo empregar esforços sobrehumanos
para a recobrar.

«Não era mais a fogo de canhão e de in-
fantaria que se pelejava, era á baioneta, á
lança, á espada, á faca; foi preciso que os
paraguayos morressem ou fugissem, e mor-
reram muitos mais do que fugiram.

«Um brado de victoria echou então por
todo o exercito: a trincheira paraguaya com
seus 40 canhões estava em nosso poder, e
2,000 cadaveres do inimigo, armamento,
munições, bandeiras, nada haviam salvado
os fugitivos.

«Tinha nós custado a victoria 3,000 ho-
mens fora de combate, mas era uma victoria
esplendida, decisiva, final de uma guerra de
tres annos.

À PEDIDO

«Si fosse humanamente possível que soldados de carne e osso, depois de brigarem 30 horas sem comer e sem dormir, empreendessem um novo combate, acaso o Marquez teria incontinenti ordenado o ataque formal á segunda trincheira paraguaya; mas além daquella impossibilidade, sobrevindo a noite, houve que suspender em parte, ao menos, a operação.

«Digo em parte, porque toda a noite de 22 para 23 não descontinuou o fogo mesmo de infantaria contra ás posições do inimigo e na manhã do ultimo desses dias elle tinha-se vigorizado por tal forma que em poucas horas devia decidir-se o pleito.

«Nesse dia (23) deviam tomar uma parte séria no combate as forças argentinas, por não poderem mais de extenuadas e dizimadas algumas divisões brasileiras.

«Alguns batalhões nossos, que estavam com essas forças, dous ou tres que guardavam a estrada do Chaco, já agora inutil, e quanta força houvesse disponível em Humaitá, tinham sido chamadas ao exercito, e esses dous a tres mil brasileiros, além dos 5,000 argentinos, que é de quanto consta o exercito do general Gely, entrando de fresco constituíam um reforço excessivo para o que restava fazer.

«O vapor *Alvaro Gomes*, que, sahindo das Palmas no dia 23 á tarde, foi que trouxe as ultimas noticias que acabo de dar, deixou a guerra nesta disposição.

«Em Angostura uma guarnição de 500 homens era o que restava, além de uns 30 canhões, todos, ou quasi todos, de grosso calibre. A esquadra de encouraçados pela parte do rio, e uma forte divisão brasileira pela de terra, cercavam essa posição, e a hostilizavam por tal maneira, que a todo momento contava-se com vel-a cair em nosso poder.

.....
 «No que eu seria interminavel si quizesse dizer tudo hoje, é na apreciação da heroicidade do exercito brasileiro. Só o mez de dezembro encerra factos bastantes para uma epopéa,

Proclamação do Marquez de Caxias.

«Camaradas! O inimigo vencido por nós na ponte Itosoró e no arroio Ivaby, nos espera na Lomba-Valentina com o resto do seu exercito: marchemos contra elle e nesta batalha teremos findado nossas fadigas e privações.

«O Deus dos exércitos está connosco! Eia! marchemos ao combate, que a victoria é certa, porque o general e amigo que vos guia, até hoje não foi vencido.—*Marquez de Caxias.*»

—Malfadado paiz!

Que terra, meu Deus!

—O que tem V., homem?

—Capitão, todos os que nasceram neste torrão devem cobrir o rosto de vergonha!

—Mas então o que ha? Não esteja a impiedar-me.

—Veja V. Ex., veja a nação inteira, o governo do paiz como remunera os serviços heroicos de seus filhos.

O imperial marinheiro, conhecido nesta terra por *Mil-ideias*, distinguio-se por tal forma em Paysandú, praticou actos de valentia tão denodados, que mereceu as divisões de official do exercito e o habito da Rosa.

Depois reformaram-no e mandaram-no para sua provincia.

Aqui chegando, não se apresentou ao commandante das armas e ficou por isso impossibilitado de receber seu soldo, reduzindo-se a lastimavel estado de miseria, em quanto seu dinheiro accumulava-se no thesouro.

Reduzido a não ter onde abrigar-se, é doloroso dizer-se, mas cumpre que se registre o infeliz viu-se na pungente necessidade adoptar como pouso um dos açougues abandonados pela camara, em S. Bento!

Dormindo sobre a terra pura, adquiriu uma terrivel molestia, a paralyisia.

Levado para o hospital de charidade, recusado por ser militar e ter o seu hospital privativo.

Requerer ao governo para tratar-se nell e foi indeferido por não ter dinheiro para pagar as despezas!.....

—Amarga decepção para os servidores dedicados do paiz!

—Entretanto que a nação nada perdia com o tratamento de *Mil-ideias*, porque seu soldo lá está retido no thesouro!

—Decida agora si ha garantia em servir o paiz com distincção.

—Capitão, acabam de me dizer que affirma á exforços do Sr. commandante das armas houve ordem para o *Mil-ideias* entrar para a enfermaria militar.

—Antes tarde do que nunca.

—Porem que elle preferiu continuar no hospital da charidade publica.

ANNUNCIOS.

Hygino Francisco da Silva, á rua do Comercio n.º 3, precisa de bons officiaes de alfaiate com especialidade de miudos; paga do bem.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Serie 46.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por-serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BATIA

12 DE JANEIRO DE 1869.

N. 456.

O ALABAMA.

Publicamos hoje duas folhas com a mesma data.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de janeiro de 1869.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que execute a postura n. 30, que prohibe degraus e escadas lançadas para a rua, em relação ao dono do prédio n. ao becco das Campellas. Cumpra.

—Os boleeiros já legislam nesta terra!

—Cassuada.

—Crearam um tributo indirecto.

—*Gorgêta* não é tributo; dá quem quer.

—E quem vae a um enterro que não dá a tal *gorgêta* está exposto ás malcreações e insulto dessa *polida* gente.

—Bagatella! Um mil réis não tira a camisa de ningem.

—E' verdade!..

Além de tantas contrariedades que affligem um pobre vivente nesta terra, ainda ha de estar sujeito a uma importuna em posição dos boleeiros!

—Não se pode dar maior irreverencia do que ha nos bailes pastorís.

—Ora historias!

—E' o que lhe digo.

Nos bailes pastorís, transformados em representações theatraes, dão-se toda casta de desacatos!

A Imagem do Filho da Virgem collocada em um presepe serve de pretexto a toda sorte de desrespeito!

Ali dança-se a quadrilha, fuma-se, namora-se em grande escalla, dizem-se graças bem pesadas, os rapazes passeiando com as moças pelo braço dirigem-se amabilidades, dão-se palmas, batte-se com os pés, assovia-se, um applaude a pastora que lhe agrada, outro reprova, e por fim de contas, de vez em quando, apparece uma desavença, onde pelo menos ha alguns empurrões.

—São esses abusos que desacreditam a nossa religião ante as outras.

—Desde que os bailes pastorís deixaram de ser um divertimento innocente para ser um negocio, que se devia prohibir a presença do Deus Menino á essa festança burlesca.

—E S. Ex. o Sr. arcebispo não vê ou não sabe disto!

—S. Ex., cujo zelo pastoral, se mostra tão sollicito em dispensar aos seus diocesanos a abstinencia da carne na quaresma, dispensa que estou bem convencido, os fieis teriam o cuidado de tomar-a por suas mãos, não se lembra de cortar abusos desta ordem!

—Ora que só ha de vir morar nestas lojas

do Coquêjo, ao Caminho Novo, gente sambista!

E' uma interminavel algazarra quasi todas as noites!

—Entretanto, ha uma postura que prohibe o lundú fora de horas!

— Continuação das noticias do Sul.

— Diga.

— Attenção.

A' 24, achando-se Lopez encerrado no seu ultimo entrancheamento na Lomba-Valentina, o marquez de Caxias lhe mandou intimar rendição para poupar inutil derramamento de sangue.

A intimação foi esta:

«Acampamento em frente a Lomba-Valentina, 24 de dezembro de 1868, ás 6 horas da manhã.—A' S. Ex. o Sr. marechal Francisco Solano Lopez, presidente da republica do Paraguay e general em chefe do seu exercito:

«Os abaixo assignados, generaes em chefe dos exercitos alliados, e representantes armados por seus governos na guerra a que as suas nações foram provocadas por V. Ex., entendem cumprir um dever que a religião, a humanidade e a civilisação lhes impoem intimando em nome dellás a V. Ex. para que, dentro do prazo de 12 horas, contadas do momento em que a presente nota lhe sôr entregue, e sem que se suspendam durante ellas as hostilidades, deponha as armas, terminando assim esta já tão prolongada luta.

«Sabem os abaixo assignados quaes são os recursos de que pode V. Ex. dispôr hoje, tanto em relação ás forças das tres armas, como a respeito de munições.

«E' natural que V. Ex. pela sua parte conheça a força numerica dos exercitos alliados, seus recursos de todo o genero e a facilidade que sempre tem para fazer que sejam elles permanentes.

«O sangue derramado na ponte Itororó e no arroio Avahy devia haver persuadido V. Ex. a poupar as vidas dos seus soldados no dia 21 do corrente, não os forçando a uma resistencia inutil. Sobré a cabeça de V. Ex. deve cair todo esse sangue, assim como o que tiver de correr ainda, si V. Ex. julgar que o seu capricho deve ser superior á salvacão do que resta do povo da republica do Paraguay.

«Si a obstinação cega e inexplicavel fôr considerada por V. Ex. preferivel a milhares de vidas que ainda se podem poupar, os abaixo assignados responsabilisám a pessoa de V. Ex. perante a republica do Paraguay, as nações que elles representam e o mundo civilisado pelo sangue que vae correr a jorros

e pelas desgraças que vão augmentar as que já pesam sobre este paiz.

«A resposta de V. Ex. servirá de governo aos abaixo assignados, que a tomarão como negativa si no fim do prazo marcado não tiverem recebido qualquer resposta á presente nota.—*Marquez de Caxias.*—*J. A. Celly y Obes.*—*Henrique Castro.*»

Respondeu Lopez nos seguintes termos:

«Quartel general em Piquisiri, 24 de dezembro de 1868, ás 3 horas da tarde.

«O marechal presidente da republica do Paraguay devera talvez dispensar-se de dar uma resposta escripta a Ss. Exs. os Srs. generaes em chefe dos exercitos alliados na luta com a nação a que preside, pelo tom e linguagem desusada e inconveniente á honra militar e á magistratura suprema, com que Vv. Exs. julgaram chegada a oportunidade de fazer-me a intimação de depôr as armas no termo de 12 horas, para terminar assim uma luta prolongada, ameaçando lançar sobre a minha cabeça o sangue já derramado e que ainda tem de derramar-se, se não me prestasse á deposição das armas, responsabilisando a minha pessoa perante a minha patria, as nações que Vv. Exs. representam e o mundo civilisado; comtudo quero impôr-me o dever de fazel-o, rendendo assim holocauste a esse mesmo sangue generosamente vertido por parte dos meus e dos que os combatem assim como ao sentimento de religião, humanidade e civilisação que Vv. Exs. invocam na sua intimação.

«Estes mesmos sentimentos são precisamente os que me hão movido ha mais de dous annos para sobrepôr-me a toda descortezia official com que tem sido tratado nesta guerra o exercito da minha patria. Procurava então em Yatayti-Corá em uma conferencia com o Exm. Sr general em chefe dos exercitos alliados e presidente da republica Argentina, brigadeiro general D. Bartholomeu Mitre, a reconciliação de quatro estados soberanos da America do Sul, que ja tinham principiado a destruir se de uma maneira notavel, e sem embargo a minha iniciativa, o meu afanoso empenho não encontrou outra reposta senão o desprezo e o silencio por parte dos governos alliados e novas e sangrentas batalhas por parte de seus representantes armados, como Vv. Exs. se qualificam.

«Desde então vi mais clara a tendencia da guerra dos alliados sobre a existencia da republica do Paraguay, e, deplorando o sangue vertido em tantos annos de luta, entendi dever calar-me, e, pondo a sorte de minha patria e seus generosos filhos na mão do Deus das nações, combati os seus inimigos com a

lealdade e consciencia com que o tenho feito, e estou ainda disposto a continuar combatendo até que esse mesmo Deus e nossas armas decidam da sorte definitiva da causa.

«Vv. Exs. julgam dever communicar-me o conhecimento que têm dos recursos de que actualmênte posso dispor, julgando que eu tambem posso saber qual a força numerica do exercito alliado e seus recursos, que crescem de dia em dia.

«Não tenho conhecimento disso; mas tenho a experiencia de quatro annos, de que a força numerica e esses recursos nunca impuzeram á abnegação e bravura do soldado paraguayo, que se bate com resolução do cidadão honrado e do christão que quer uma sepultura em sua patria antes do que a ver humilhada.

«Vv. Exs. julgaram dever recordar-me que o sangue derramado em Hororó e Avahy deveria ter-me determinado a evitar-o que correu no dia 21 do corrente; mas Vv. Exs. esqueceram-se sem duvida, que esses mesmos actos poderiam de ante mão provar quão certo é o que acabo de ponderar sobre a abnegação de meus compatriotas; e que cada gota de sangue que cabe em terra é uma nova obrigação contrahida pelos que vivem. E perante um exemplo semelhante minha pobre cabeça poderá curvar-se perante a ameaça tão pouco cavalheiresca, permitta-se-me que o diga, com que Vv. Exs. julgaram dever intimar-me? Vv. Exs. não têm o direito de accusar-me perante a republica do Paraguay, por que defendia-a; defendo-a e continuarei a defendel a.

«Ella me impõe esse dever, e eu me orgulho de cumpril-o até á ultima extremidade, e demais, legando á historia meus actos, so a meu Deus devo contas. E, si ainda tem de correr sangue, Deus tomará contas áquelle sobre quem pese a verdadeira responsabilidade.

«Eu pela minha parte estou ainda agora disposto a tratar da conclusão da guerra sobre bases egualmente honrosas, mas não estou resolvido a ouvir unia intimação para depor as armas.

«Assim a meu turno, convidando a Vv. Exs. a tratar da paz, creio cumprir um dever imperioso para com a religião, a humanidade e a civilisação por um lado, e por outro o que devo ao brado unisono que acabo de ouvir dos meus generaes, chefes, officiaes e soldados, aos quaes communiquei a intimação de Vv. Exs., e o que devo tambem a minha propria honra e ao meu proprio nome.

«Peço a Vv. Ex. desculpem não citar eu a data e hora da notificação, não a tendo á vis-

ta, mas foi recebida nas minhas linhas ás 7 e um quarto desta manhan.

«Deus guarde a Vv. Exs. muitos annos.

«A Ss. Exs. os Srs. marechal marquez de Caxias, coronel major D. Henrique Castro e brigadeiro general D. Juan A. Gelly y Obes.

«Acampamento na Lomba Cumbarity, 25 de dezembro de 1868. — *Francisco S. Lopez.*»

Então na manhan de 25 os canhões alliados romperam vivissimo fogo contra o reducto inimigo, causando-lhe grandes estragos. Uma força inimiga de 400 homens escolhidos tentou romper o cerco, talvez em procura do caminho por onde Lopez fugisse, mas foi batida e rechaçada. A 26 uma chuva torrencial obstou a um assalto; deu-se este, porém, no dia 27, tomando-se toda a trincheira e a casa de Lopez que estava no centro.

«Todo o material que alli havia, 70 e tantas peças de artilharia e uns 2,000 prisioneiros caíram em nosso poder. Poucos escaparam, e entre esses Lopez; os fugitivos eram porém, perseguidos de perto por entre os bosques, e havia esperança de apañial-os.

Em todo o caso ficou alli aniquillado o poder de Lopez, e com elle se considerava terminada a guerra. Os navios de madeira subiam e desciam livremente o rio.

Á PEDIDO

OS LENHADORES.

(Encosta d'uma montanha. Collocados em grandes distancias, os lenhadores fallam-se por meio de porta vozes.)

O paiz é uma floresta,
Onde cortam lenhadores,
Que fazem feixes de lenha
P'ra mandarem aos dictadores;
Que lenhadores tão guapos!
Que garbo, que galhardia!
Cortem de noite e de dia!
Avante! avante! senhores!...

Bota aquelle pau abaixo,
O' lenhador lá do Norte;
Toma tento no machado,
Olha bem não vire o corte!
Dá-lhe ahi, procura o geito,
Faz com que caia de lado,
Arreda! já 'stá cortado!
Bravo! Bravo! o pau é forte.

Agora; tira-lhe os galhos,
Nada de galhos aqui;
Quem os quer levê p'ra casa
E, guarde-os só para si;
E' bom; não tarda o inverno,
Que promete ser intenso

Olha, meu charo Lourenço,
Toma, estes galhos p'ra ti.

—Este sim que é bom angico!
Madeira de lei! —Pudera!
Para que não dê lhe o bicho,
Se corta na primavera.

—O teu machado está cego!
—Quem fallou? —Foi Muritiba.
—Rapaz, corta a saraíba;
Muritiba *distempera*.

Agora essa barãna
Lá perto do mar d' Hespanha;
Dêem lhe de geito, meus filhos,
Que essa madeira tem manha.
E' ouca? Tem mel de abelha?
Deitem-lhe a bocca ao cortiço;
Chupem, chupem que por isso
Não nos descem da montanha.

—Que matto é esse, meu filho?
—Ah! meu amo, é pau Brazil.
—Calluda que é contrabando;
Cortem de manso e subtil.
Pau Brazil! que bello achado!
Nossa fortuna está feita,
Oh! que fonte de receita!
Corta, corta meu gentil.

—Que tropa de lenhadores
Temos nós por nossa conta?
D'esta tão grande floresta
Não escapa uma sô ponta.
Por toda parte o machado
Falla, que é gosto ouvir-o.
E' pau? Por isso ou aquillo,
Abaixo! que o caso affronta.

—Dez milhões de boas tôras
Lá deram, elles por terra.
E cortam, qual mais ligeiro
Na lenha o machado aferra!
Isto sim que é boa gente!
Cortem, cortem, meus amigos,
Como quem corta inimigos
Em tempos de crua guerra.

—Quem é que faz derrubada
D'aquelle *itapicurié*?
Lourenço, toma cuidado;
Tu tens aza de urubú!
Mette a *cunha* para a frente,
Olha o machado que escapa
Que raiz! Como solapa!
Poem as raizes á nu....

—Vamos mais logo p'ra cima,
Lá p'ra o norte da floresta;
Dizem que ha d'esse lado
Cada tronco que é uma festa!
Ahi faremos escolha
De que houver de mais duro
Para que para o futuro
Ninguem nos enrugue a testa.

O Freitas, Cicero, amigos,
A mais, mais, venha, venha!
Quem *subir* depois de nós,
Si não achar, *lá se avenha!*
Corta, corta, sem descanso,
Que essa madeira 'inda é pouca
Lenha a pedir por bocca!
Nunca é de mais—lenha, lenha!

Original americano.

O Antonio, que não é mais da Viuva, pres-
ta-se a servir de testemunhas em qualquer
processo, com tanto que lhe paguem.

Dando-se-lhe as instrucções com antee-
dencia, bem entendido.

Quem quizer o procure no *Descobertos*, a
qualquer hora do dia.

Preço fixo 2^o rs. por cada juramento.

—Sr., que mau costume tem Vm.!

—Cala a bocca, rapariga.

—Apalpando a gente quando passa!

—Não te encasifes por isso.

—Vê essa se diz alguma cousa.

—Vá apalpar sua mãe.

—Negra! Atrevida! Sirvam de testimunha
que esta negra me offendeu.

—E lá se vae a Balbina para o chilindó,
porque não quiz sujeitar-se a prova!

—Ha homens que tem graças de sendeiro.

—Assim como a daquelle cujo que anda
feito *boto* mergulhando em terra.

Poderá ser authoridade policial, um indi-
viduo contra o qual ha na repartição da po-
licia uma queixa, já antiga, por furto de car-
vão de pedra, roubado da lanxa do Sr. O. L.
C., queixa essa dada pelo superintendente de
uma companhia ingleza com o nome desta
terra?

O Moreirinha.

VARIÉDADES.

ECONOMIA DE PONTOS.

—Tem muitas transacções a sua casa com-
mercial? perguntara um negociante hespa-
nhol a um negociante holandez.

—Innumeras.

—A que chama innumeras?

—Olhe! para lhe dar idéia da nossa cor-
respondencia, basta que lhe diga que no meu
escriptorio gasta-se por anno cem libras, só
em tinta d'escrever.

—Ora o que é isso? respondeu o hespa-
nhol com o maior sangue-frio. Meu amigo,
eu comecei a economisar por anno centô e
cincoenta libras desde que ordenei aos meus
escreventes que não pozessem os pontos nos



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 46.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

16 DE JANEIRO DE 1869.

N. 457.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
15 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias, que evitem no domingo proximo, em que terá logar a festa do Senhor do Bomfim, qualquer sinistro, dos que se costumam dar todos os annos, nos vapores da companhia Bahiana. O que espera-se.

— Ao mesmo, enviando-lhe uma representação de diversos moradores do becco da Carne Secca, ácerca do perigo a que estão expostos de serem victimas de uma hora para outra de um incendio, proveniente da maneira porque está collocado o fogão á vapor do hotel Central, que á qualquer descuido, dá fogo as vigas do andar superior, pela curta distancia em que se acha das mesmas, sendo que no dia 21 do passado o caso ia se tornando serio.

A' vista do que, pede-se a S. S. providencias para que o proprietario do mencionado hotel remová o tal fogão para posição mais conveniente.

— A Illma. gerencia da companhia de Vehiculos Economicos, prevenindo-a de que o publico está sendo muito mal servido, quanto aos transportes da linha do Bomfim.

No dia da lavagem havia no ponto do Caes

Dourado reuni las mais de 60 pessoas á espera de conducção, sem que apparecesse uma gondola por espaço de uma hora, razão que obrigou a muitos passageiros a seguirem á pé! Alem disso, o pessimo estado dos animaes e das diligencias é outra causa de incommodo e sobre-saltos para o publico, não só pela longa demora que se dá nas viagens, proveniente da magreza e debilidade dos burros, como pelos desarranjos que se dão á cada passo nos carros.

Na quarta feira uma diligencia carregada, quebrou as rodas e na quinta repetiu-se o mesmo caso com outra, e só por milagre não teve de se lamentar alguma desgraça, ficando apenas offendido um passageiro.

Por tudo isto, espera-se do zelo com que essa empresa deseja servir ao publico providencias á respeito.

Portaria ao fiscal do curato da Sé, ordenando-lhe que vá ao proprietario do sobrado n. 11, á rua Direita do Collegio, e íntime-lhe que mande concertar o cano do dito sobrado, que se acha, ha muitos dias, arreventado, exhalando um terrivel fetido que incommoda a vizinhança, principalmente quando o sol es- quente. Cumpra.

— Sempre a ter o que se dizer á respeito dos carros e boleceiros!

Quando não é a impericia e estouvamento destes, é o dezazo de quem os administra, que dá causa a successos desagradaveis.

—E parece que em tal assumpto vamos de mal a peor.

—Em um dos dias da semana passada, uma familia ingleza que ia n'um carro de aluguel pela Rua do Passo, foi victima de um grave encommo.

As rodas trazeiras do carro largaram-se, e toda a familia levou enorme queda, ficando maltratadas duas meninas.

—Cousas desta terra. Ha de um homem pagar dinheiro, ser mal servido e em cima estar exposto a perigos!

—Capitão, uma anedocta que tem seu sal.

—Conte-a.

—O Sr. D... foi á caça e disse á sua mulher que passaria dous dias fora.

«Dous dias! exclama a esposa, meu Deus, que demora!»

Emfim, um beijo do marido a acalma e este parte.

Apenas o marido tinha transposto o limiar da casa, que a boa da esposa manda a criada com uma carta chamar a um mancebo. Este não se fez esperar e foi depressa procurar a Sra. D...

No meio da alegria em que se achavam estes dois ultimos, batem na porta; a criada foi ver quem era.

«O Sr. D... grita ella com voz forte, para que sua ama se prevenisse.

«Ali está meu marido, exclama afflicta a casta esposa.

«Escondei-vos aqui.

«Onde? diz o mancebo.

«Neste guarda-vestidos.

O Sr. D... entra zangado, dizendo que perdeu o trem de ferro, e que sua viagem ficará para o outro dia.

Quando a Sra. D... olha para o guarda-vestidos veio-lhe uma idéa subita.

Simula um ataque nervoso. O marido pega no chapéu e vai depressa chamar o medico.

Durante esta ausencia a Sra. D... abre o guarda-vestidos, o mancebo sahe, e empurra-se.

O marido volta e diz que não encontrou o medico.

«Já não é preciso, meu charo, diz a esposa, a crise passou.

«Isso esperava eu já, chára amiga, disse o fleumatico marido, porque vi a doença descer pela escada.

—Coitado... é dos taes... que calam e consentem.

—Aqui tom V. Ex. o progresso do seculo.

—Na correspondencia de Humaytá para o Jornal do Commercio encontra-se o seguinte:

«No dia 6 de novembro foram espingardeados os dous reus de crime de morte, anspeçada do 25 batalhão de voluntarios, Francisco de Sant'Anna Lima e soldado do 41 de voluntarios Manuel Luiz Pereira. Foi um acto horroroso e barbaro. Assisti pela primeira vez em minha vida a esse espectáculo selvagem, que a justiça humana rodeia de tanta ostentação e apparato.

«Parece que até os elementos protestavam contra aquella execução. Desde ao amanhecer do dia uma tormenta acompanhada de copiosa chuva cahia sobre essa praça. As ordens, porém, estavam dadas. A execução devia ser feita ás 8 horas da manhã. A ordem do dia mandava comparecer *todos os corpos da guarnição em sua maior força, inclusive empregados, camaradas e bagageiros, assim de assistirem na fôrma da lei a execução.*

«Um dos condenados á morte era um doente de rheumatismo. Foi carregado em uma palioca por quatro companheiros. Era um espectáculo doloroso e pungente.

«Um homem deitado, com o Crucifixo nas mãos, agarrado sobre o coração, tendo a seu lado o ministro da religião do Calvario, era transportado por quatro companheiros de armas para o ponto onde devia ser espingardeado. Após esse, caminhava o outro com um Crucifixo nas mãos, ao lado de outro padre, para o mesmo ponto. A chuva, que não cessava, ensopou condemnados, padres, concurso e o cartuxame.

«Quando os dous miseraveis se sentaram nas duas cadeiras fataes, quando os sacerdotes terminaram sua sagrada missão, quando se deu a voz de *fogo*, houve uma scena horrivel: todos os corações se confrangeram e se despedaçaram. Os tiros falharam pela maior parte. Cahiram as duas victimas apenas feridas. O deante ficou no chão semi-morto, o outro, o reu Manuel Luiz Pereira, levantou-se e poz-se de pé, olhou para o companheiro que jazia no chão, passou a mão pelo face no lugar em que tinha sido ligeiramente ferido, bradou indignado: — *Matem-me de uma vez!*...

«Novas ordens são dadas: outro piquete chega, dá-se de novo a voz do *fogo*. Ouvem-se os tiros, apenas um acerta no infeliz justicado. Elle se levanta outra vez, põe a mão sobre a ferida, que era na coxa esquerda, e de pé, no maior auge de desesperação, pronuncia palavras de desesperação e de raiva. Aquella alma soffria o maior dos martyrios.

«Note-se que esse homem não tinha querido que se lhe vendassem os olhos. Mostrava de principio a fim a maior valentia e cordura para a execução que ia soffrer.

«Frustrada aquella segunda tentativa, dão-

se novas ordens, vem novo piquete, novas armas, e postam-se mais proximos ainda do desgraçado. Então elle pede licença ao official para dar a ordem e diz: «*Camaradas, façam a pontaria aqui:*» e com um rapido movimento fixou o dedo pollegar da mão direita sobre o coração.

«Ao estampido dos novos tiros cahiu então para não levantar-se mais. Afinal estava morto, descansava por fim.

«Começa scena nova, igualmente mortificante, igualmente barbara.

«E' o tiro de honra, é o tiro que se dá no ouvido. Dous a dous se approximam os soldados: ouvem-se os estalos das espoletas, mas os tiros não se ouvem. A chuva inutilisara a polvora do ouvido das espingardas. Afinal duas foram mais felizes, dispararam. Ainda não bastava. Ha então scena nova. E' o medico que vai reconhecer si os justicados estão mortos.

«Que doloroso martyrio para o sacerdote da vida e da saúde! Fiel a seu dever o medico declara que um dos justicados, o primeiro que cahira, o infeliz doente, que talvez não se pudera levantar, não estava morto. Novas ordens para os tiros de honra que fallam ainda duas vezes.

«Terminou por fim esse espetaculo sem nome, que a justiça humana chama *execução*.

«Declaro que não vi ainda nada tão horrroso como aquillo foi. Em nome da civilização e da humanidade protesto contra esse apparatus selvagem e barbara, que ainda se mantém nas leis militares do Brazil.

«Si é preciso matar, matem; mas sem esta ostentação selvagem.»

—Que horror!

E se pratica isto em nome de S. M. o imperador do Brazil, que á 8 de janeiro de 1867 houve por bem perdoar a duzentos galés perpetuos de Fernando de Noronha, entre os quaes assassinos de vinte e duas mortes, particidas horribes, para irem defender a honra do Brazil no Paraguay!

Á PEDIDO

—Capitão, este labrego ha muito que devia estar no fundo do mar.

—Que besta é essa?

—Um dos mais astutos ladrões que pisam em Latronopolis.

Sua vida é um tecido de ladrocinhas.

—A cara do bruto está indicando.

—Freguez de quanto ratoneiro ha nesta terra, é em sua tasca que vão dar fundo todas as escamotagens e ladrocinhas que se praticam nesta cidade.

Compra todos os furtos que lhe appareçam, por metade do seu valor.

E os larprios preferem sua freguezia, por que elle é seguro e discreto.

Aquillo que cahiu em suas mãos está no fundo do oceano.

—E' preciso acabar com elle.

—Este selvagem porém tem um dote apreciavel: Não desampara os seus comparsas nas horas de aperto.

Quando algum cahe nas garras da policia, elle visita-o, fornece-lhe dinheiro e protege-o.

—A conveniencia é d'elle.

Quem é este animal?

—Chama-se *João*, capitão.

—*João*, bem; máxingueiro, vê ali um *ferrero* que prepare uma *crúz*.

De que antro aportou semelhante peste a esta plaga?

—De *Guimarães*.

—E estabeleceu-se?

—Na rua da *Taboa-grande*.

E' ahí que o indomito la travaz tem uma bodega que serve de ponto aos gatunos.

E' dotado de tino inexprimivel para tranquibernias.

Não se aperta com qualquer cousa.

Um dia subia a ladeira da *Taboa-grande* um preto conduzindo um barril de manteiga roubado.

Um inspector de quartirão deu sobre elle.

Este vendo-se acuado, largou o barril e correu.

O atrevido gallego teve a incrível ousadia de ir reclamar a manteiga com a sua.

Mas não era a manteiga que elle foi reclamar ao agente d'authoridade, porque sabia que elle não lh'a dava, foi apenas assumptar a-marea do barril.

Immediatamente desceu á cidade baixa, comprou um barril igual de manteiga, mandou-o levar pela ladeira do Pilar para um deposito que tem, e apresentou-se ao subdelegado exigindo a manteiga apprehendida como sua e dando o dono do armazem onde tinha comprado como prova.

—Que ladrão subtil, que astucia!

—Cousa notavel!

O facto tinha se dado á uma hora e o ladrão comprou a manteiga ás tres, mas sem embargo ficou com dous barris de manteiga pelo preço de um.

(Continúa.)

Ao Ilm. Sr. provedor da Misericordia, pede-se providencias acerca dos terrenos pertencentes á mesma na nova rua da Independencia.

Consta que tres individuos pretendem ahí

edificar estribarias para burros, o que se acontecer irá desmerecer o valor e importancia da rua, uma das melhores da freguezia de Sant'Anna.

Em uma rua de tal ordem só se deve aforrar terrenos a quem queira edificar predios que concorram para o aformoseamento da rua e não para se levantar telheiros que sirvam de morada a burros.

Espera-se a attenção de quem compete para o que fica exposto.

— Capitão, vou lhe contar uma historia.

— Não sendo da carochinha pode desembuchar.

— Então lá vae.

— *Correia*, fez seu testamento deixando todos os seus escravos forros, e isto o podia fazer sem prejudicar a sua mulher, visto que tinha sua terça para dispôr della como lhe conviesse.

Mas a viuva, depois que elle expirou, consumia o testamento para não dar carta de liberdade aos ditos escravos, dizendo que elles tinham ficado para a acompanhar até a sua morte.

— Esta historia está parecendo com a do Santos?

— Faz-me V. Ex. o favor de ouvir sem dar os seus apartes?

— Pois não; pode continuar.

— Por morte da viuva, um tal Domingos arvorou-se em testamenteiro e fez tudo quanto quiz.

— Arvorou-se de testamenteiro e herdeiro de um testamento que elle mesmo arranjou.

— captivando a aquelles escravos que a viuva tinha deixado libertos.

— Esse sujeito de quem V. falla, que se constituiu herdeiro e testamenteiro da viuva, chama-se *Joaquim* e não *Domingos*.

— Si V. Ex. sabe a historia, eu não continuo.

— Pode continuar; são apenas pequenas observações que lhe faço.

— Mas eu estou contando-a da forma por que me contou o *Aves*.

— Prosiga.

— *Domingos*, mandou prender a Manuel, a quem elle considerava seu escravo, e offereceu-o para o serviço do exercito, e como elle fosse julgado incapaz para tal serviço na inspecção, foi de novo agarrado e mettido na casa de cachorros.

Ora, pergunto eu, quando um senhor offerece um escravo para o exercito, antes d'elle jurar bandeira não deve estar com sua carta de liberdade?

— Assim parece.

— Logo *Domingos* offerecendo Manuel para o exercito ainda tem sobre elle o direito de senhor?

— Eu sei; nesta terra tudo se vê.

— Pois bem; como tudo se vê nesta terra, eu tambem prometto a V. Ex. contar-lhe a historia da vida desse celebre gallego!

— E me ha de encontrar prompto para ouvi-lo.

— *Au revoir*.

ANNUNCIOS.

Sabiu á luz a valsa SYMPATHIA e a mazurka JULIETA, por Francisco Saptini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author, ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosario; loja do Seixas, rua Nova do Commercio; botica do Carlos, ao Pelourinho; e na Calçada, botica da esquina do Becco do Godinho.

Acha-se em impressão a TOMADA DE VILLETA, grande galope.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e bem conhecido café moido puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, e na Sagde, rua do Jogo do Lourenço, casa n.º 19).

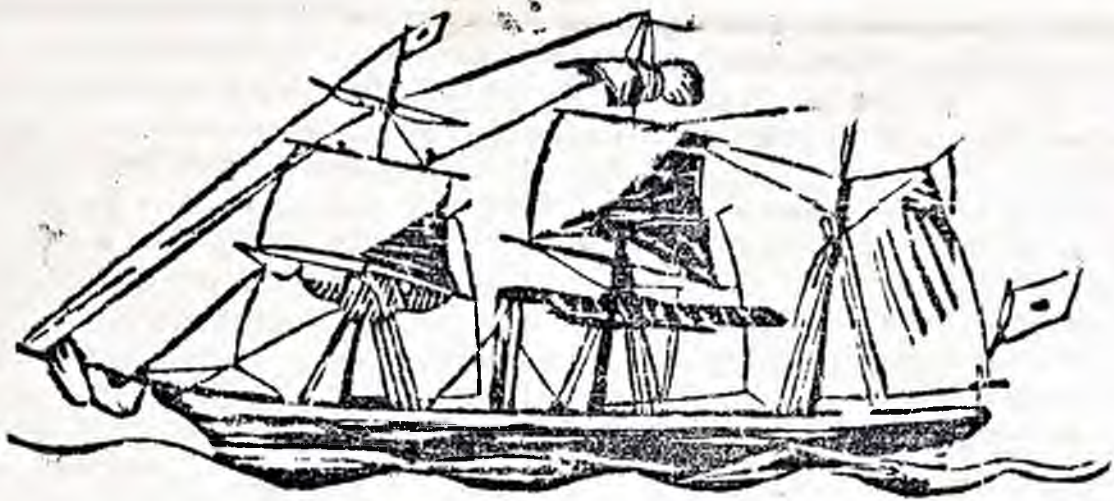
Previne-se que qualquer porção comprada levará no involtorio o distico seguinte—M. José de Azevedo—saltando o qual, deixa de ser dos logares indicados: outro sim não se vende para taberna alguma.

Acham-se em impressão os primeiros numeros de uma publicação periodica, especialmente dedicada á traducção da obra completa de Ponson du Terrail—*Os dramas de Paris*—vulgarmente—*Rocamboles*.

O preço será de 1\$000 por serie de 15 numeros, formato *in-quarto*. A empresa teve por fim adoptando essa forma de publicação, facilitar, pela commodidade, a leitura aquelles, que desejam ler a primeira composição romantica do seculo.

Assigna-se nesta typographia, nas lojas de livros da Viuva Lemos e do Dr. Martins Alves; nas boticas da Praça e do Sr. Jatobá, rua da Misericordia; nas lojas de charutos dos Srs. Vasconcellos, na mesma rua, e Lidovalho atraz da Sé, loja de sapatos do Sr. Emygdio, na rua Direita de Palacio na loja do Sr. Alipio e no hotel Bahiano.

Hygino Francisco da Silva, á rua do Comercio n.º 3, precisa de bons officiaes alfaiates, com especialidade de miudos; pagando bem.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 46.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

20 DE JANEIRO DE 1869.

N. 458.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
19 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, prevenindo o de que espalha-se o boato de que no domingo ultimo foi violentamente recolhida ao hospital de charidade, como dou-da, uma senhora em seu perfeito juizo, e im-mediatemente encarcerada na *casinha escura*, onde se mettem os furiosos, com o fim de ve-rem si, por tal meio, conseguem alterar-lhe as faculdades. Diz se que a referida senhora viera illudida em uma cadeira até a porta do hospital e ahi fôra agarrada, e accrescenta-se que de proposito escolhera-se o domingo, dia em que na cidade, vasia de povo não se torna-ria o facto notorio; pelo que, pede-se a S. S. a mais severa syndicancia sobre o caso, e as providencias que cousa de tanta gravidade exige.

—Vê aquelle sujeito?

—Qual?

—O quo vae na bolea deste carro, que pas-sou?

—O que tem? E' o boleiro. Não vê o traje?

—Enganou-se. E' o guarda nacional do 5.º batalhão, aquartellado, Sotero, que hoje, ar-vorado em boleiro, está conduzindo passa-geiros para o Bomfim.

—V. está gracejando.

—Gracejando não; vá amanhan, segunda feira, ao quartel da Palma, que ha vel-o en-vergando a farda de guarda nacional.

—Mas, rapaz, os boleiros não são guar-das nacionaes.

—Isso é que não lhe estou perguntando.

—Emfim, va lá; como dizem que nesta terra a lei é vontade de quem pode.....

—O Correio parece mais uma senzala do que outra cousa.

—Não diga, os empregados são pessoas urbanas, no geral.

—Eu não fallo dos empregados.

—Ah!

—Fallo de meia duzia de rapazes estouvados, que vão para ali, nos dias de chegada de vapor, fazer assuada e insultar os que la vão a negocio.

—Prova de má educação.

—V. conhece o ordenança do inspector da saude?

—Muito. E' um velho soldado de policia.

—Que por sua idade e comportamento mereco respeito e consideração.

—E' verdade.

—Pois outro dia no correio levou petele-cos e empurrões de uma sucia de malandrins que lá se achava.

—Incivilidade, grosseria.

—E outros muitos desaforos que se d' encampellam chapaus, deitam rabos, ce

botões do paletot, e fazem um berreiro infernal.

—Ao passo que alli ha uma guarda cujo fim é manter a ordem!

—Capitão, acabo de presenciar uma scena revoltante.

—O que foi, homem de Deus?

—Quatro soldados de policia que levavam uma douda para a correcção.

—Ora cebolorum! Que influencia pode ter uma pena correccional em quem é destituído de razão!

Ha gente que tem lembranças!

—Mas dizem que esta terra não tem logar mais proprio para os doudos do que a cadeia.

—Em quanto os larapios, os malfeitores, os ebrios e vagabundos, vagam pelas ruas!

—Cada soldado segurava em um braço ou perna da infeliz e a cada grito della, a cada contorsão, enfureciam se e davam lhe solavancos horriveis; cada um puxava brutalmente para seu lado, como si aquillo fosse borracha, que dá de si, e a miseranda no meio de tão inauditos tratos ia toda descomposta!

—Que selvageria, meu Deus!

—A vista de tão repugnante quadro, horrorizado, retirei-me daquelle logar com o rosto coberto de vergonha.

—Ha dinheiro para tanta sinecura, para tanta ladroeira, so não ha para um asylo á probeza e para uma casa de alienados!

—Não se dá maior desaforo!

Pois estes dous moleques boleeiros da gondola *Snoown*, desde que sahiram do Caes Dourado a darem mangoaladas nos pretos, meninos e velhos, que vão encontrando, sem distincção, em risco da ponta do mangual ferir um olho de qualquer!

—E tambem de um dos offendidos mimosar aos passageiros com uma boa pedrada.

—Mas si são quatro passageiros mesmo quem os instiga a tal gracinha.

—Quatro insolentes malcreados, que vem a praticar quanta bregeicada ha; ultrajando as familias com accionados e dieterios, dando *encapellações* com os cabos dos guardas-sol e fazendo outras muitas maroteiras.

—E que por fim tem o atrevimento de insultarem e apuparem a uma honesta senhora por que vae vestida de balão!

—Estupidos! Não respeitam as familias dos outros para terem direito a serem as suas respeitadas!

—Não creia que quem teve educação pratique isto. E' comportamento de gente creada com *farrellas*.

—E este safado judeu com ares de *alcalin*

sobresahe a todos no relaxado e devasso procedimento.

—Na noite de sabbado, no baile pastoril do Sr. Azevedo, na rua do Tijollo, quando representava se o baile — *Liberdade*, um moço academico recitou uma sublime poesia a liberdade, a qual foi entusiasticamente applaudida.

—E esses applausos foram secundados de freneticos vivas que deram os espectadores ás ideias liberaes!

—No dia 16 um Sr. Antonio de Freitas tentou reduzir á escravidão um pardinho que trouxe do Pará para seu creado, e não o podendo fazer sem um titulo que provasse como o dito pardinho era seu escravo, tratou de justificar com testemunhas, e se prestaram á isso, mediante a quantia de 5 D rs. que lhes deu o tal Freitas, os celebres Pedro Cicero Baldaia, João Carvalho d'Araujo e Theodoro José do Couto.

—E si não fosse o official de justiça Pedro d'Alcantara Gusmão e o distincto advogado Emygdio Joaquim dos Santos o infeliz pardinho era sempre reduzido a escravidão.

—O magano está por consequente incurso no art. 179 do codigo criminal.

—E tambem no art. 301 do mesmo codigo, por haver usado de nome supposto e titulos que não tem, por quanto ora dizia que era *major* da guarda nacional e ora que era *doutor*, afim de effectuar a venda do infeliz pardinho.

—Tambem estão incursos no art. 169 os individuos que serviram de testemunhas.

—Cumpro agora que as autoridades, em nome da santa causa da liberdade, desaggravem a lei tão vilmente ultrajada.

—Esperemos.

—Capitão, communicam-me o seguinte:

O Sr. Pimentel, cobrador da *Bahia Illustrada*, foi á cidade de Valença cobrar as assignaturas da mesma gazeta, e indo cobrar, no sabbado 9, do portuguez Mariano Vinhas 3 D rs. de 6 numeros que elle devia, este se negou a pagar. O Sr. Pimentel para evitar questões exigiu as gazetas.

O portuguez Vinhas trouxe-as todas sujas, pelo que não quiz o Sr. Pimentel recebê-las.

Pois si não quer levá-las, deixe-as ahí, mas eu não pago, disse Vinhas, e foi dando as costas ao Sr. Pimentel.

Essa maneira do Sr. proceder dando-me o c. . . como resposta, prova a educação que recebeu em sua terra, disse Pimentel.

Nisto entra um moço prudente e aconselha

a Vinhas que pague os 37 rs., cujo conselho foi por elle abraçado.

No dia immediato, domingo, teve o Sr. Pimentel de ir muito cedo á Cajahiba receber dinheiro dos assignantes, e chegando em um logar deserto foi recebido por Vinhas com duas terriveis cacetadas sobre a cabeça, que por milagre de Deus não está hoje morto.

O Sr. Pimentel dirigiu-se *in-continenti* á authoridade, mas essa disse que elle tomasse testemunhas para proceder contra Vinhas.

Ora, o Sr. Pimentel que não havia de ficar em Valença para esse fim, veio na segunda feira 14 para o seio de sua familia, e desistiu de qualquer acção que contra o portuguez Vinhas podia intentar.

— Ha factos que não se commentam, entregam-se á apreciação do publico.

LA VAE VERSO

A lavagem do Bomfim,
Prazer da rapazeada,
Por mais que se diga della,
Por demais nunca é cantada.

Resume em si tantos gosos,
Expande tanto prazer,
Que, si se morre de gosto,
Bem pode fazer morrer.

Entre os prazeres da vida
Desfructados na Bahia,
Tem logar de distincção
O folguedo deste dia.

O homem fica tão brande
Como cêra posta ao sol,
O coração pinoteia,
O juizo é um caracol.

Quem não gosta da um pagode
Que tantos quindins encerra,
Perdeu o gosto da vida,
Ou não nasceu nesta terra.

Pois haverá quem resista
Do desejo á tentação,
De ver como a natureza
Creou tanta perfeição?

O accendedor do gaz,
Inda mal não tem soado
As quatro da madrugada,
Tem o serviço acabado.

O açougueiro com pressa,
Para acabar o trabalho,
Deixa de roubar no peso
Só para fechar o talho.

Té o homem da limpeza
Que anda varrendo a rua,
Muito antes da meia noite
Tem findo a tarefa sua.

O seboso vendelhão
Fecha a taverna este dia,
E junto co'a *companheira*
Se largam para a folia.

O caixeiro do commercio
Pede licença ao patrão.
Enfronha o paletot branco
E lá vae para a funcção.

A erioulinha dengosa,
De balainho arrumado,
De vassoura atravessada,
Vae fazendo um requetrado.

A faceira mulatinha,
Mimososa como alfinim,
Vae de saia arregaçada
Caminhando p'ra o Bomfim.

Muita gente neste dia
Sem agoa em casa ficou,
Pois que a negra do barril
Para o Bomfim se largou.

O proprio empregado publico
Neste dia falta ao ponto,
E para encontrar a gondola
Vae correndo como tonto.

O austero sacerdote
Com ar mui grave e sisudo,
Vae atraz de uma creoula
Cuja pelle é um velludo.

De olhos cravados no chão
Vae o padre lazarista;
Julgaes aquillo real?
Mentira! E' um hypocríta.

Pois que olhando de revez,
O *jacobeu* refalsado,
Das pernas d'uma mulata
Admira o torneado.

Até um certo beato,
Que amanhece no templo
De braços em estação;
Da turba segue o exemplo.

E' que, apesar de beato,
Como os mais, tem coração;
Segue a *certa vizinha*,
Que é a sua tentação.

O marido que seis mezes
Não faz, morreu-lhe a mulher,
Mesmo vestido de preto
Vae metter sua colher.

O soldado neste dia
Esquecido do castigo,
Engana o sentinella
E foge pelo postigo.

Cousa incrível! O agiota
Cuja sordidez não cança,

Aferrollha o thesouro;
Vae assistir a festança.

Quando o diá vem rompendo,
Tudo já está no Bomfim!
Já ha gente *estropiada*,
Deitada sobre o capim.

E eu encarapitado
Sobre o magestoso adro,
Vou contemplando enlevado
Tão apreciavel quadro.

Vejo o Sr. Zé Canastra,
Reformado em coronel,
Que por ser mui precatado
Traz ás costas seu farnel.

Alem stão duas creoulas
Pelos gestos muito amaveis,
Henriqueta e Bernardina,
Amigas inseparaveis.

Maria que dá prazeres,
A quem certo trapicheiro
Amara com grande ardor,
Desde o tempo de caixeiro,

Até o velho Macedo
Que anda arrastando os pés
Vejo mettido no meio
De creoulas, umas dez,

Com a saia *enguidada*,
Um balaio com comida,
Procurando o Cassiano,
Vejo Helena n'uma lida.

Oh, que famosa vassoura
Traz o Joaquim Tamanqueiro!
Roliça, grossa, enfeitada;
Custou-lhe bem bom dinheiro,

Um grupo que ali está
E' Papù, Maria Ignez,
Falta só Alexandrina
Que não veio desta vez,

Vejo ali o *Zé Menino*,
O rapaz do papa-vento,
Em seu soberbo corsel,
Olhando sério e attento.

Aquelle grupo de homens
Que vejo em ar de romagem,
E' a seita progressista
Que tambem veio a lavagem.

Logo que eu vejo a Thomasia,
A Mafalda anda ahi. . .
Vem um pouco mais atraz;
Já avistei-a d'aqui.

Os diabos das creoulas
Affectam uns taes *me-deixes*,
Que faz a rapazeada
A sous pés cahir aos feixes,

E aquelle que não sento
A alma cheia d'alegria,
E' qual caxorro de roça;
Lambe a. . . . mão, bebe agoa fria,
Posto diga ser *sabido*,
Aquelle *padre*, se engana,
Vejam como está rendido
Pela Maria Joanna.

Lá foram mudar de roupa,
No botequim da Anastacia,
Salomé e Benedicta,
Gertrudes, Ritta e Ignacia.

Bravo! Miguel Peixe gallo. . . .
Logo vi que não faltava,
A demora foi enquanto
N'um freguez lôgro pregava.

São sete horas e meia,
Vae começar a lavagem;
O bombo já deu signal
P'ra chegar a *sarandagem*. (Continúa.)

Á PEDIDO

AO ILLM. SR. JOSÉ FERREIRA CAR-
DOSO,

Declara o abaixo assignado que nunca es-
creveu para gazeta e muito principalmente
sobre a vida particular de ninguem e que
quando tivesse habilitações para isso não seria
por meios torpes, nem sob a capa do ano-
nymo; portanto, julga ter respondido ás al-
lusões e suspeitas mal cabidas de S. m.

Agora quanto ás bravatas desejava que me
disse onde é seu cemiterio, para que no
caso de que ellas me possam dizer respeito
eu saiba onde me deva recolher.

R. M.

ANNUNCIOS.

BAILE PASTORIL.
BENEFICIO DE MANUEL COSME,

HOJE 20 DE JANEIRO.

Casa n.º 20, na rua direita de Palacio.

N'esta typographia compra-se o n.º 152 do
Alabama de 1864 e 421 de 1868.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e bem conhecido café moi-
do puro, continua-se a vender na rua dos Ou-
rives, loja n.º 9 B, e na Saúde, rua do Jôgo do
Lourenço, casa n.º 199.

Previno-se que qualquer porção comprada
levará no involtorio o distico seguinte—M.
José de Azevedo—faltando o qual, deixa de ser
dos logares indicados: outro sim não se vende
para taberna alguma.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Serie 46.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

22 DE JANEIRO DE 1869.

N. 459.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
21 de janeiro de 1869.

Não houve expediente.

—A repartição da policia não tem um medico?

—Que ganha 150\$ réis mensaes.

—Mas o que faz o medico da policia?

—Inspecciona recrutas.

—Ora pipocas!

Os recrutas não são inspeccionados na policia.

—Então não sei lhe responder.

—E' um cravo! Pagar-se 150\$ réis a um homem para não fazer nada!

—Entretanto, quando tem de se fazer um corpo de delicto andam a rogar aos medicos, tendo a policia um seu privativo.

—Não ha muito que no hospital deixou de se proceder a um, por falta de facultativo.

—As cousas desta terra andam todas de costas.

—Hontem, 20, estando a senhora do Sr. Tito Rangel, morador aos Afflietos, ao escurecer, no seu quintal tomando fresco, recebeu uma pedra quadrangular sobre as costas que lhe atiraram, a qual lhe fez duas terriveis ferimentos.

—Insubordinação de algum menino malcreado da vizinhança.

—Diz a senhora Rangel que a pedra foi atirada do quintal de uns portuguezes que moram na casa contigua.

—Então talvez houvesse ali algum proposito?

—Não lhe sei responder.

—Não se acata mais o pudor das familias! O leito virginal, o thalamo conjugal é atrocemente profanado pelos agentes do poder!

No Piauby, entram em uma casa e levantam as saias das senhoras!

No Ceará, vão ao leito de uma senhora revolver-lhe as roupas do parto!

Em Campo Largo, provincia de S. Paulo, invadem o domicilio respeitavel de uma viuva e vão apalpar o collo de castas virgens!

Leiam e horrorisem-se:

«INFAMIAS OFFICIAES.—As furias infernaes desenvolvem por toda a parte o mesmo systema de ataques contra o pudor das familias. Miseraveis!...

Ouçamos o *Amigo do Povo*, jornal do Piauby, em sua singela narração:

«Saiba o paiz.—Si por acaso o imperador tiver conhecimento do que se passou em casa de Renovato Pereira de Moraes, no dia 31 do mez proximo findo, no lugar Sapucaia, a 10 legoas desta cidade, póde ser que se lembre de interrogar fleugmaticamente ao seus ministros:

—O que achas, Alencar, será verdade aquelle facto que dizem ter se dado a meu mandado em Therezina?

— Aquillo é um romance, imperial senhor!

— O que to parece, barão de Muritiba?

— É uma estratégia da opposição, senhor!

— Paranhos, o que pensas?

— Uma diplomacia jornalística, *el supremo!*

— Eu penso que sim: é realmente um romance sem graça, — uma *estratégia* sem arte.

— um grosseiro recurso *diplomatico* das taes gazetas... Nem si quer vale a pena que se fale em taes bagatellas... Mudemos de conversa: como vai a rainha de Hespanha?....

E o facto, ligeiramente indagado, por hypothese, lá na corte; o facto que o autor do *Guarany*, quereria que fosse um simples romance, é aliás uma realidade que envergonharia uma época menos corrompida e um povo menos servil. Eis o quadro, apenas esboçado por quem não entende de pinturas:

« A'qui d'el-rei que me levantam a saía! »

— É o rei mesmo — quem manda fazer issol!

« Olhe, Sr. José da Silva, como é que faz isto com minha filha: apparecem-lhe as pernas até os joelhos! » Disse o pae de Speri-diana de Jezus.

— Esteja preso, Sr. Renovato: a culpa é mesmo sua! Para que mandou esconder seu filho entre as saias de suas tres filhas?

— « Além de violarem minha pobre casa, desde pela madrugada; além de offenderem o pudor de minha consternada familia; além de recrutarem meu filho, que nem ainda tem buço de barba; — em cima de tudo isso dão-me voz de prisão; quanta violencia, meu Deus!... »

— Não quero saber disso, meu toleirão; marchemos para a casa do capitão Joaquim Candido.

E lá se vão dez homens escoltando Renovato e seu filho Laurindo...

Maria Vieira, mulher do velho preso e mãe do moço recrutado — fica na sua triste morada, muda e quèda, com o desespero no coração, mil cuidados no pensamento, e abundantes lagrimas nos olhos quasi embaciados!

As tres moças, que lembrariam as *graças* si fossem ricas e aristocraticas, — jaziam n'um canto da desolada casa, exhalando suspiros do coração (as filhas do povo também o têm!) e além disso ainda envergonhadas da estranha scena que ha pouco tinha sido ali praticada *em nome do rei!*...

« *Sagrada sabedoria*

— D'el-rei nosso senhor;

« *Deus te pague essa harmonia,*

— Teu regimen corruptor! »

« OS IMPERIAES CAUDILHOS NA PROVINCIA DO CEARÁ. — Leiam todos os pais de familia, todos os homens honestos deste miseravel paiz

a seguinte noticia, transcripta do *Cearense*:

« No dia 6 de Outubro fallecou na villa de Sant'Anna a Exm. Sra. D. Isabel Cysne de Maria, pertencente a uma familia importante daquella villa, sobrinha do parocho desta capital, Rev. Miguel Francisco da Frota e do tenente-coronel Manuel Joaquim de Souza Vasconcellos, deputados provinciaes.

« Fssa respeitavel senhora succumbiu ás violencias das autoridades policiaes e do recrutador de Sant'Anna, alferes José Martiniano Peixoto de *Alencar*. A historia de seus soffrimentos é horrorosa, como foi narrada na assembléa provincial pelo distincto deputado Dr. José Thomé. É um dos episodios mais tetricos da conquista de Santa Anna.

« D. Isabel tinha dado a luz havia pouco, quando foi um dia sorprendida por uma escolta desenfreada de policiaes, que iam em busca de *seu marido* o Sr. Antonio José Cisne, *para recrutá-lo*.

« Como era bem natural, recebeu um choque profundo. Seu pai procurou conter os esbirros, porém debalde, elles varejam tudo e finalmente aproximam-se da cama da doente e (horror!) erguem-lhe os lençoes!!! D. Izabel é acommetida de uma syncope. Ao tornar a si estava abrasando-se em febre.

« Appareceu logo o delirio.

« Cortava os corações dos que a viam naquelles transes dolorosos!

« Em seus delirios exclamava, assombrada — tirem esses soldados daqui; tragam-me meu pobre marido que o arrastaram... que prenderam... os soldados me querem matar... tirem de junto de mim... Eram as unicas palavras que proferia.

« Que afflições, que transes mortaes!

« A febre entretanto recrudescia, e os delirios eram frequentes, até que afinal succumbiu! Sua derradeira palavra foi ainda... os soldados...

Agora em S. Paulo.....

« Foram mais varejadas as casas de mais quatro cidadãos, e com tal desacato que em casa de Manuel Estevam de Oliveira, chefe de uma familia honesta e honrada levaram a ousadia a apalpar o collo de sua mulher, e descobrir suas filhas já moças para se verificar se eram homens!

« Em casa da viuva pobre e honesta Maria Penteado, cujo filho mais velho marchou, ha tempo, para o Paraguay; restando-lho apenas o ultimo ainda de menor idade, e seu unico amparo e de sua filha já moça, sem respeitarem e condoerem-se das lagrimas d'essa infeliz mãe, bateram em sua presença na face da filha, gracejando! »

LA VAE VERSO

Rapazoadá de gosto,
Vinde agora admirar,
Preadas que a natureza
Se esmerillou em crear,

Muita preciosidade,
Que anda bem *resguardada*,
Apparece neste dia
Para ser apreciada.

Fora de si, deslumbrado,
O homem todo se baba,
E qual caxorrinho dogue
Na funçonata se enraba.

Diga o aquelle magistrado.
De chapusinho de palha,
Que onde vê uma mulata
O seu barco logo encalha..

Arrenego! Tentação.
O' santo breve da marca!
N'uma nau coubessem todas
Sendo eu piloto da barca.

O proprio Fr. Soledade,
Com a santidade toda,
Si vem um anno a lavagem
Nunca mais perdia a boda

Bello! Como se requebra
A cabriinha Theodora,
Com seu pucaro a cabeça. . . .
Vae ao chafariz agora.

Na mão empunham bem grossas
Vassouras; de marroquim
Os cabos tendo enfeitados,
A Valeria e o Joaquim

Maria, o pote virou
De volta do chafariz,
Não podendo comprar outro
Do seu destino maldiz

Bem me disse o preto *Augusto*,
Que tem talho n'uma esquina,
Que ca havia encontrar me
Com a mulata *Joaquina*.

Pois quem havia dizer.
Que o Dr. *Arca-minha*,
Esquecendo a posição
P'ra tal *lusa-lusa* vinha!

Venha manso, *professor*,
Não tome as cousas em grosso,
Veja os garotos que bradam—
Carrapato, larga o osso!

Eiml o *José das Fazendas*,
Este gallego rançoso,
Tambem veio! E' que assucar
Não roubou hoje; manhoso!

Ora, aquelle *barateiro*
Que de *Guimarães* chegou,
Na baderna das creoulas
Como o taful embocou!

Corno a Maria Felippa
Apezar do corpanzil,
Vae saltando em desfilada
Que me parece um fuzil!

Eis ali a Calombó,
Creoula de Santo Amaro;
Lembro-me de um *peregrino*
Sempre que p'ra ella encaro.

A companhia do gaz
Em barafunda ficou.
Porque um nosso *patricio*
Parece que se *enxolou*.

Mestre Marcos insofrido
Stá de bumba á cabeça
A espera que a tropilha
Ao porto da lenha desça.

Caminhando para o porto;
La se vae toda baderna,
Ferve o lundú; cada qual
Vae fazendo sua perna.

A sympathica Henriqueta
Com sua meliffua voz,
Entoa um samba que diz—
«Viva quem gosta de nós;»
«Quem nos dá saia de chita—
«Prefilada de retroz,
«E' signal que nos quer bem. . . .
«Viva quem gosta de nós.

«Liga de eor solferina,
«Com debuxado de ilhoz,
«Põe a gente mui faceira. . . .
«Viva quem gosta de nós.

Toda turba respondia
A essa gostosa chula;
Uma dança, outra toca,
Outra sapateia e pula.

Té um velho *poderoso*
Sumitição de nma figa,
Ao ver a tal brincadeira
O coração lhe formiga.

No meio da turba muleta,
Adelaide, mui gamenba,
Atado em laço de fita
Traz lindo feixe de lenha.

Bemvinda e Feliciana,
Coaracy e Emilia,
Chrispiniana e Candinha,
Felicidade e Cecilia;

Pucham tão bem a fieira
Que a todos causam inveja;

O *Todo lindo* que as vê,
Vem p'ra o meio, deixa a igreja.

O padre que por *castigo*,
O espinho de uma *rosa*,
Feriu-lhe a *testa*; no samba
Tem pericia espantosa,

Tambem outro sacerdote
Que uma *rosa* traz no peito,
Mettido entre as creoulas
No lundù tem muito geito,

Muito bem! O *Quinquim Lopes*,
Qual um macaco enfezado,
Por mais que queira não pode
Saltar um sapateado.

Pois não me ia esquecendo
Da nossa amavel *Constança*,
Perna certa todo anno,
Desta gostosa folgança?

Mas ella que é camarada,
Creio não se zangaria,
De um anno ser esquecida
De entrar na tafularia.

Mais este velho *Massada*
O que veio ca fazer?
Sem duvida, os estudantes
Deixou hoje sem comer.

Agarrado a uma viola,
Eil-o, o homem abaixadinho.
Que chamam *Caspite Domine*;
No botequim do *Candinho*,

O coronel *Tranquillinho*
A lavagem tambem veio,
Vaê cantando, seu *dondon*
D'umas creoulas no meio.

Ah, maganão! Para isso
Não tem *vozes* na cabeça! . . .
Va vender sua pomada
A outro que o não conheça.

Com tres *caminhos* que dão
Têm a lenha carregado,
Mesmo porque este anno
O volume foi mingoado.

Agora, atraz da igreja
O samba está arrojando,
O *zabumba* da *Chapada*
A toada está saltando.

E eu me vou retirando
Que o sol está muito quente;
Quem tomar o seu *pisão*
Que va dormir e se aguento.

—Soube o que aconteceu?

—Não.

—Houve uma facada na ladeira da *Soledade* ás 4 horas da manhan.

—Que diabol! Agora por qualquer da cá
aquella palha é uma facada, uma cacetada
etc.

—Esta terra não vaê bem.

—Hontem a companhia de Vehiculos fez
uma experiencia nos seus trilhos de ferro.

—E foi bem?

—Perfeitamente.

—E' o que serve.

—Não ia sendo muito bem, por que na
Calçada quasi esmaga um homem.

—E' do que eu tenho medo, porque se
não houver muita prudencia, terá de se la-
mentar muitas desgraças.

—O principio está mostrando.

—Pelo becco do *Gelú* tem havido o diabol!

Hontem um Sr. *Quinquim* brigou com a
dulcinea, n'um samba, e esta desandou-lhe
uma *quartinha* que partiu o oitão de um rapaz
que passava.

—Dizem que a *cachaça* de *Itapagipe* é mais
forte que dos outros logares.

VARIÉDADES.

COMO SE DESCOBRE UM LADRAÕ.

Um inglez que tinha uma fabrica de as-
sucar, achando-se um dia roubado em uma
somma consideravel, ajuntou os negros e
disse-lhes:

Meus amigos, estou roubado, e a gran-
de serpente, apparecendo-me á noite passa-
da, disse-me que o ladrão teria neste mo-
mento uma pena de papagaio na ponta do
nariz.

O culpado sem reflectir no que fazia, le-
vou immediatamente a mão ao nariz.

Foste tu, que me roubaste, disse-lhe o se-
nhor. A grande serpente acaba de m'o reve-
lar. Da-me cá o meu dinheiro.

ANNUNCIOS.

Sahiu á luz a walsa *SYMPATHIA* e a ma-
zurka *JULIETA*, por Francisco Santini, au-
thor da *BORBOLETA*.

Vende-se em casa do author, ladeira de S.
Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do
Sr. Conde, ao Rosario; loja de Seixas, rua
Nova do Commercio; botica do Carlos, ao Pe-
lourinho; e na *Calçada*, botica da esquina do
becco do Godinho.

Acha-se em impressão a *TOMADA DE*
VILLETA, grande galope.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Serie 47.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

23 DE JANEIRO DE 1869.

Ns. 460 e 461.

O ALABAMA.

Hoje termina a serie 46 do *Alabama* e começa a 47.

A falta absoluta que ha de papel no mercado, obriga-nos a publicar a folha em papel fora do commum, sem com tudo diminuir-lhe o formato.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. provedor da casa da santa misericordia, reclamando contra o abuso das irmans de charidade de trancarem a entrada do hospital das 7 as 9 horas da noite, horas em que vão se recrear no jardim; de sorte que, si nessa occasião chegar um enfermo perigoso, ficará privado de soccorros, até que as pijs irmans por suas altas recreações queiram, porque nem que se brade por el-rei de França abrem as portas!

Não ha muito deu-se o seguinte:

Entrou para o hospital um escravo do commendador José de Barros, com duas formidaveis garrafadas; as irmans mandaram chamar apressadamente o medico da casa, o Sr. Dr. Guimarães; este acudiu immediatamente, mas ao chegar, achou a porta fechada; batou a não poder mais, por espaço de hora e meia; e vendo que ninguem lhe respon-

dia, retirou-se desesperado, ficando o preto sem curativo atéo dia seguinte!

Si as irmans de charidade foram que mandaram chamar o medico e sabiam que elle, como era de obrigação, havia de ir, não deviam trancar a porta e pol-o á espera como pagem de escada, além do grave inconveniente que podia resultar ao doente por falta de tratamento.

Para que não continue tal abuso, pede-se a S. S. que se digne fazer ver ás taes irmans que quando forem tomar o seu recreio, não se tranquem, pois que aquella casa não é propriedade dellas.

—Sr. *Universal*, quem lhe deu licença para fazer esta cerca?

—Eu sou de casa, a licença é dispensavel.

—De casa é rato, mas rõe a roupa.

E o Sr. a fazer de frade da companhia!

—Mais palmo, menos palmo não faz differença.

—Ora isto!

O que vale é que a gente nova que entrou não ha de pactuar com suas espertezas. Não é como a antiga que marcou um dia para vistoria e esse dia nunca chegou.

—Venho dar lhe uma nova contristadora.

—Mau.

—O Sr. Braudão maquinista do *Jornal da Bahia*, indo hoje pela madrugada fazer um pequeno reparo na maquina, na occasião em

que esta trabalhava, ficou com um braço esmigalhado pelo cylindro.

Foi recolhido ao hospital e creio vae soffrer amputação.

—E' uma desgraça verdadeiramente lamentavel.

—Uma scena burlesca.

—Quero ouvil-a.

—A gondola das seis ia partir, na quarta feira, do Caes Dourado.

Haviam apenas dous logares.

Dous inglezes, o superintendente da companhia do Gaz e outro, entraram na diligencia e sentaram-se nos logares vazios.

Chega o cocheiro e diz-lhes — os logares são de assignantes.

—E isso é bem mau; o lucro da companhia está na maior concurrencia.

—Os inglezes permanecem mudos.

O Guanaes, adverte-lhes de novo, e os inglezes respondem—mim não intende portugues.

Chegam os donos dos assentos, que são dous portuguezes, o Sr. Gabriel e outro, e achando-os tomados, tomam a deliberação de fazerem a viagem nos collos dos inglezes e vão se sentar sobre elles.

—E o resultado?

—O resultado é que depois de uma perlanga, que ia cheirando a socco, os inglezes decidiram-se a sahir.

—A companhia deve procurar evitar esses conflictos, não só facilitando os transportes, já que tomaram a si tal encargo, como acabando com privilegios.

—E' justo; mesmo que quem se embarca, é por que tem precisão.

—Estourou a bomba.

—Misericordia!

—E os estilhaços foram cahir la perto do gazometro.

—Que estrago.

—O projectil, consta, arrebatou um rapaz *patricio* nosso, que desapareceu.

—Que catastrophe!

—Os prejuizos causados foram algumas folhas de livros arrancados, contas borradas e outras perdidas.

—Estas colubrinhas de *cincoenta e duas* tem uma força!

—Continua o desrespeito nos bailes pastoris.

E o Sr. arcebispo não dá providencias. No União, á rua de Baixo, consta, tem havido assuadas, vaias, etc.

—E tudo isso em louvor e na presença do Menino Deus!

—Chegou o tempo em que se havia de negociar publicamente com o nome do Senhor

—Ora fae-vos em doudos!

—O que foi?

—Uma peça que um doudo pregou ás irmans de charidade no hospital.

—Refira.

—As *piedosas* mulheres tiram proveito com tudo.

—Em seu beneficio, bom entendido.

—Perguntaram a um alienado si sabia fazer alguma cousa.

Sou pintor, respondeu o homem. Compraram tintas, mandaram preparar, e encarregaram o homem de pintar uma parede.

Nos dous dias primeiros a cousa andou bem; o doudo desempenhou a tarefa maravilhosamente. No terceiro, porém, apertou-lhe a lua e elle *zuniu* com panellas e pinceis sobre a parede mascarrando o que tinha feito.

—E' o que se chama borrar a pintura.

—Tambem aquellas charidosas são tão aproveitadeiras! Obrigam os doentes da santa casa a trabalhar!

—A obra de tres semanas punham o mentecapto de nome Mathias, todo dia ao rigor do sol, limpando um immundo pateo.

—Ellas podem, estão em seu direito.

LA VAE VERSO

MOTTE

*No jardim deste teu peito
Fiz a minha habitação,
Com a minha propria mão
Eu plantei o amor perfeito.*

GLOSA.

Ora da-se; que loucura!
Uma velha desdentada
Quer ser minha namorada
P'ra fazer minha ventural
Penteada a creatura
Anda com tanto tregeito
Qu' é um mono com effeito;
Encontrei-a em certo dia,
Quero um lugar, me dizia,
No jardim deste teu peito.

Admirado de ver
A cuja namorada,
Fallando desta maneira,
Nada lhe quiz responder;
Ella tornou-me a dizer
E' seu o meu coração
Tenho-lhe muita affeição,
Oh não sei como lhe conte,
De sua casa defronte
Fiz a minha habitação.

A bruxa tornei a olhar;
Cara de gente não tinha,
Mas em fim será rainha,
Si ella tiver a fartar
Os melões com que comprar.

Fiquei n'uma colisão,
 Por fim tive occasião,
 Lindas flores offertei-lhe
 E um ramalhete dei-lhe
 Com a minha propria mão.

Depois no seguinte dia
 Recebo della um bilhete,
 « Meu bem o seu ramalhete
 « Causou-me muita alegria,
 « Quero a sua companhia,
 « Porem com dinheiro e geito
 « Fica sempre firme um peito, »
 Queria a bruxa dinheiro,
 N'outra que tem mealheiro
 Eu plantei o amor perfeito.

CONFISSÃO E TESTAMENTO.

Declaro antes de tudo
 Que sou christão baptisado;
 Nunca puz os pés na igreja,
 Eis o meu maior peccado.

De annos tenho quareuta,
 Duas vezes fui casado,
 Vivi sempre em mancebia,
 Respeitei o meu estado.

Nunca o alheio fisguei
 A não ser o da nação,
 Mas, quem furta o que é de todos
 Não tem nome de ladrão.

Quando eu era empregado
 Sempre tirei meu quinhão,
 E por isso quasi alcanço
 Um diploma de barão.

Enganei, menti ao povo
 Nos dias da eleição,
 Comprei votos, rasguei listas,
 Caballei com viração.

Tomei sempre por cautella,
 O partido do mais forte;
 Adulei, menti de veras,
 Pois subir era o meu norte.

Em negocio de perigo,
 Quando via o povo irado,
 Blasphemando enraivecido
 De cacete alevantado.

Gostei sempre de gazetas,
 Escrevia p'ra jornaes,
 Cantei em heroicos versos
 A quem tinha cabedaes.

Era amigo de convites
 P'ra jantar em casa alheia;
 De noite ia ás visitas
 Em casa onde havia ceia.

Fui sempre amigo de todos...
 Na rua, seda macia;

Em casa, trazia a cara
 Enfarruscada e sombria.

Minha mulher, boa joia,
 Deixo a quem tiver dinheiro,
 E' zelosa, muito activa,
 Mas quente como um braseiro.

Peço, pois ao meu herdeiro,
 Que não seja moleirão,
 Sempre é bom de vez em quando
 Dar-lhe alguma correcção.

Deixo á policia, que dorme,
 Minha catana e bordão,
 Ao menos para livrar-se
 Dos ladrões de profissão.

O meu occulo de theatro
 A' commissão hygienal,
 Pedindo-lhe que acompanhe
 Quando for meu funeral.

O occulo é para mirar
 As mazellas da Bahia,
 Os monturos pelas ruas,
 Bons focos de epidemia.

Minha lingua embalsamada
 Deixo á certo deputado,
 Que em quanto foi a assemblea
 Esteve sempre calado.

Minha cabeça ao governo
 Para sempre andar com tino;
 Regula como um relógio,
 Ou qual badalo de sino.

Lhe peço que dó do povo
 Tenha; dê-lhe carne e pão;
 Que o povo quando tem fome
 E' feroz como um leão.

A' camara que entrou de novo,
 Deixo uma pa virada,
 Para limpar os monturos
 Desta terra emporcalhada.

Á PEDIDO

— Ora esta está mesmo de eterna memoria !

— O que é ?

— Um Sr. Alfredo de Andrade Paes Barretto, involvido na compra de um menino forro, diz hoje no *Jornal da Bahia* — « que o Sr. Dr. chefe de policia, que sabe de seus honrosos precedentes, a que familia pertence, que é casado, lavrador e proprietario de dous engenhos, entendeu que devia retel-o para indagações policiaes. »

— Louvor em bocca propria é vituperio.

— Quem gaba a noiva é a sogra.

Eu desconfio muito de virtudes apregoadas.

— Ninguem contesta que o Sr. Paes Bar-

retto possa estar neste negocio liso como um velludo; mas o que não sei é, si ha familias privilegiadas diante da lei.

—O ser filho do sol e neto da lua não impede á authoridade de cumprir o seu dever.

—Assim, quer o Sr. Paes Barretto que só quem não fôr rico esteja sujeito á sanção legal.

—Ora bolas!

Não estou para ouvir desfructes.

—Ora isto não é de authoridade!

Na audiencia fumando e bebendo cerveja.

—E' preciso attender ao immenso calor que faz esta freguezia, produzido pelo morço que vem do mar.

—O que, Sr. ! Isso é *motivo*.

Nem siquer tem a lembrança de mandar tirar essa tulha de garrafas de debaixo da meza!

Boas authoridades temos nós!

—Valha-nos a Virgem do *Pilar* com ellas.

O REI DE BARALHO.

Com este titulo remetttem-nos os seguintes versos, que dizem ser traducção de uma poesia chinesa. Completamente ignorante da litteratura da China, aqui damos os taes versos, por simples attenção a quem no-los remetteu. Si os leitores não os entenderem, contentem-se comnosco, que soffremos a mesma desgraça.

Eis os versos chinezes:

Nosso rei é o mais rico do mundo!
Possue terras, immensos thesouros;
Tem até os cabellos *dourados*...

Bem se pode chamar—*rei de ouros*.

Nosso rei... é um rei *specimen*!
Tem ideias que são *bem achadas*!
E' *valente* (não sahe do imperio)
Pelo que só lhe chamam — *de espadas*.

Nosso rei é *bomzinho*. Repelle
Os instinctos perservos e máus;
Mas ás vezes dá surras no reino...
E portanto será—*rei de páus*!

Quando sahe a passeio, é cercado
De um immenso cortejo, de tropas,
Que parece ter medo de tudo...
Nosso rei... ora sebo!—é *de copas*.

E governa *tão bem* o rei nosso,
Que o seu reino não dá-lhe *trobalho*;
Mesmo assim, os vadios exclamam:
«Nosso rei é um *rei de baralho*!»

Boudha.

(Continuação do n. 457.)

—Capitão, aqui está o gallego João. O fer-

reiro ja fez a *cruz* para ornar o cachaço deste bruto, vindo do *Guimarães*.

Quer agora V. Ex. saber o principio da vida deste salteador?

Eu lhe conto.

Metteu-se um dia em um bote. foi a um barco de carne secca e comprou uma porção de arrobas de carne com a firma falsa de um negociante.

A ladroeira, como era natrual, descobriu-se, o ladrão foi preso e teve de expiar na Correção por um bom par de mezes, o crime de estellionato.

Sahido da cadeia, o que não era a primeira vez, começou a namorar-se com a preta Ephigenia.

V. Ex. sabe a ligação, a cordialidade que ha entre gallego e africano.

Ephigenia era amazia de um preto ganhador.

Esse preto, tinha ha pouco commettido um grande roubo em certo escriptorio de fazendas.

As fazendas roubadas estavam na maior parte reduzidas a dinheiro, e o *bolo* guardado em mão de Ephigenia.

A policia varejou a casa do africano e encontrou uns restos de fazenda.

Convencido da authoria do crime, o negro levado a casa da authoridade, precipitou-se de uma janella e morreu.

—E a negra não foi presa?

—Não.

—Então não era cúmplice?

—Era. Mas como provar, si viviam separados, ella na Cruz do Paschoal e elle nas escadinhas da *Taboa-grande*?

—Ah, em Latronopolis tambem ha ruas com taes nomes!

Continue.

—Morto o preto, o gallego João apossou-se do dinheiro que existia na mão da negra, comprou a taverna que possui na *Taboa-grande* e ahi estabeleceu-se no seu *giro*.

Dahi em diante o negocio correu-lhe prospero.

Ephigenia é o seu braço direito, a sua intermediaria com a alluvião de africanos que andam pelos trapiches e escriptorios.

José Caveira, é o seu agente, o seu commissario, que se encarrega de dar sahida a certos generos, mediante uma porcentagem.

—E quem é esse *José Caveira*?

—Um inspector de quarteirão, compadre do bruto e que o protege.

Tem tambem uma biboca e ahi é que se vendem as miudezas roubadas.

—Excellentemente a gente d'authoridade!

—Sentado em uma tripeca fora do bote,

João espera pelos freguezes que ahí vão dar fundo.

Antes das quatro da madrugada já está de porta aberta.

Não ha muito que comprou 500 chapéus do Chile a 2⁰⁰ rs. e vendeu-os a um sujeito da rua do Commercio, a 5⁰⁰ rs., o qual os exportou para o centro.

Elle mesmo anda a farejar onde se pode dar algum assalto e indica aos ratoneiros.

Dotado de rara astucia, elle proprio, é quem dá o plano, muitas vezes, para certas emprezas.

(Continúa.)

—Muito pode o oiro sobre certas consciencias!...

Veja o publico como um miseravel comprado por quatro vintens se desdiz.

Compare suas palavras de hoje com as de outr ora.

Interesse Publico de 9 de janeiro de 1869.

.....
« A questão é esta: —O Sr. Barão de Cotigipe, no senado censurou o governo liberal pelo excesso d'essas comutações então decretadas; hoje o gabinete, de que faz parte o Sr. Cotigipe, decreta as mesmas commutações.

Logo?

Logo é que, não sendo, segundo o *Diario*, muito affecto à pratica de semelhantes actos o HONRADO ministro da marinha, e proseguindo elles como d'antes por actos do gabinete de que é um ORNAMENTO o Sr. Cotigipe—é preciso que taes decretos se inspirem de maneira muito directa na alta sabedoria e nobres instinctos do poder moderador. »

Genio do Brasil de 11 de março de 1854.

OS SRS. WANDERLEY E CHICHORRO, A MOEDA FALSA E O JORNAL DA BAHIA.

Todos se recordaram de que quando o Sr. Moutinho varejou a casa do moedeiro falso Candido Ribeiro foram achados instrumentos, materiaes, moeda falsa, prompta, e por acabar, communições de muitos de seus comparsas, um livro onde tinha sua escripturação regular, com os proprios nomes de seus socios, com as quantias que a cada um tinha remetido, com os contingentes que de cada um tinha recebido, etc., etc.: á este livro se deu o nome de borrador ou copiador, e o proprio Sr. Moutinho disse á muita gente, e a mim, que todos os portuguezes do commercio, á excepção de 4 até 6, estavam ligados nesse livro, acompanhando á este laçamento communições que davam toda a prova do crime. Criminosos, não os

havia brasileiros: Acrescent a isto que no dia immediato estando o Sr. Moutinho em palacio com o Sr. Martins, então presidente, repetira o que acabo de dizer perante muita gente, que ainda hoje vive; e então pedia ao Sr. Martins que mandasse examinar todos os instrumentos, materiaes, diuheiro falso e papeis, para se dar começo ao processo, lembrando que devia ser feito pelo chefe de policia, por ter conhecimento da legislação, para que o processo fosse livre de nullidades:—mal sabia nessa occasião o Sr. Moutinho que o chefe de policia, então o Sr. Wanderley, estava morrendo por ter nas unhas toda essa ninhada, e o processo! Assim verificou-se.

Tudo isto foi remetido ao Sr. Wanderley, e tudo foi consumido pelo Sr. Wanderley, que teve a sem-vergonha de mandar dizer ao Sr. Dr. Goes, presidente do jury, que exigiu o borrador e mais papeis—que tal borrador não havia, e que apenas tinha a capa. Oh! sem-vergonha nunca vista!! oh! impudencia das impudencias!!

E' este mesmo Sr. Wanderley que está hoje na cadeira da presidencia mandando insultar os brasileiros de moedeiros falsos, por um brasileiro, que não póde fallar em moeda falsa!—Não é assim, Sr. Rocha?

Em que parte do mundo se atreveria um chefe de policia a praticar um acto tão torpe e infame, sem punição, e antes ter por premio a administração de uma provincia, se não no Brazil, imperio?!

Antes de se dar fim ao processo Candido Ribeiro não foi encarregado um portuguez de procurar a seus patricios compromettidos, exigindo delles 60 contos de reis para acalmar tudo?—e não arranjou esse dinheiro em dous dias?—e depois o mesmo portuguez não exigiu maior quantia a perfazer 100 contos de rs.? e repugnando alguns dar repetidas sommas não se retiraram para Portugal dizendo que com a quantia exigida elles fariam a viagem, e la se divertiriam?

—
Interesse Publico.

.....
« Logo pois resulta de tudo isso que, mesmo quando podesse haver, que felizmente não ha, alguma rasão fundada para as acerbas accusações que actualmente dirige, sem cessar, a opposição à pessoa do imperador, nem por isso fôra menos verdadeiro que o Brasil possui a MAGNA VANTAGEM de ter á frente do seu governo um PRINCIPE CLEMENTE—e sabe a opposição que a clemencia, de harmonia com a justiça, é a mais sublime de todas as virtudes do throno.

Julgem d'ahi com quam fria e perversa ingratição procedem para com a pessoa do soberano, ultrajando-o covarde, aquelles que ainda hontem se lhe rojavam as plantas.

Que a razão publica os conheça e julgue! »

Genio do Brasil de 6 e 20 de fevereiro de 1854

Afora tudo isto—esses homens elevados a tão importante cathegoria—rodeiam ao monarcha de seduccões—enchem-no de orgulho—com lingoagem mentirosa desterram a verdade do throno, cercando-o de ficções politicas—affagam-no e *endeosam-no* com genuflexões servis, finalmente dominam-o; e por isso é que o nosso bom povo diz que o Sr. D. Pedro é *uma figura de papellão!*

E na verdade ESCRAVO coroadado, parece temer-se dos ministros que lhe roubam o sceptro, e apenas lhe deixam uma coroa enlameada!»

«Feita a *independencia*, o imperador destrou os principaes patriotas brasileiros, cercou de portuguezes o throno, montou officialmente toda a administração com pessoal portuguez—a *independencia* reduzia-se a termos uma Lisboa no Rio de Janeiro, em vez de a termos em Portugal.

O imperador teve o inevitavel fim dos reis ingratos, perjuros e tyrannos—a nacionalidade exterminou-o, o vento da revolução varreu-o da face desta terra que infeccionara.

O reinado de seu filho está patente—todos lhe veem uma só differença: é essa enorme *nuvem densa de nojosa corrupção* em que jaz envolto o paiz.»

Interesse Publico.

«Evidentemente não—a menos que vos não pareça possivel e preferivel realisar-o por meios excepçionaes e revolucionarios, na turbulencia e desenfreio das paixões, à luz sinistra dos archotes da guerra civil.

Genio do Brasil.

Finalmente, acaso é moral e phisicamente impossivel que n'uma bella manhan, como a do 1.º de dezembro de 1640, amanheça em armas o povo brasileiro, unido n'um feixe, altivo como um gigante, proclamando e decretando irrevocavelmente a *morte da monarchia* e da influencia portugueza—e acabando por exterminar de suas praias todos os Migueis de Vasconcellos e todo esse tropel de ingratos forasteiros, que tem presos nas mãos infames o commercio e todas as riquezas desta terra riquissima, cujos naturaes morrerem de miseria?

—Digam agora o Sr. D. Pedro 2.º e o Sr. Cotegipe com que bons olhos verão o seu thuriferario de hoje, que delles já disse tão

boas perolas, aconselhando até ao povo a esperar um na ponta das bayonetas.

Nesta terra ha um gallego
Chamado Antonio Gago;
Da taca do muxingueiro
Merece bem o afago.

Sua lingoa viperina,
Peior que a de Satanaz,
Para não mais deprimir
Só fervida em puro gaz.

Alem de taes predicados
E' de mais vil seductor,
Tenras donzellas illude
Esse bruto malfeitor.

Como sou amigo dos homens de merito, apresento esta lista para eleitores, na proxima eleição na freguezia de S. Pedro:

CHAPA POPULAR PARA ELEITORES DE S. PEDRO.

- 1 Dez. Luiz Antonio Barboza de Almeida.
- 2 Dr. Antonio José Pereira de Albuquerque.
- 3 Vigario Dr. Raymundo José de Mattos.
- 4 Dr. Francisco de Azevedo Monteiro.
- 5 Dez. Henrique Jorge Rebello.
- 6 Capitão Elpidio da Silva Baraúna.
- 7 Symphronio Olympio de Britto.
- 8 Dr. Augusto Cesar de Carvalho Menezes.
- 9 Dr. Joaquim Tiburcio Ferreira Gomes.
- 10 Justiniano Anselmo da Cruz.
- 11 Dr. Luiz José da Costa.
- 12 Thomaz Teixeira da Cunha.
- 13 Major Antonio Ferreira de Barros.
- 14 Eduardo da Silva Baraúna.
- 15 Dr. Francisco Marcellino Gesteira.
- 16 Dr. Francisco A. Filgueiras Sobrinho.
- 17 Dr. João José Barboza de Oliveira.
- 18 Dr. Manuel Caetano de Oliveira Passos.
- 19 João Pedro Rodrigues Chaves.
- 20 Camillo de Lellis Masson.
- 21 Manuel Francisco da Silva.
- 22 Coronel Alexandre F. Maia Bittencourt.
- 23 Dr. Eloy Martins de Souza.
- 24 Dr. Jeronymo Sodrê Pereira.

Um amigo do povo liberal genuino.

AOS QUE CONCORRERAM

Para a renovação da egreja da Piedade offerece um devoto.

Parabem—povo christão,
Parabem;—não morre a fé;
O povo que a ella abraça,
Vivirá sempre de pé.

Columna eterna do templo,
Da terra ao ceu ella vae;
Quem de tal força se ampara

Resiste a tudo, não cahe.
La floreira o sanctuario
Que a devoção renovou;
D'elle reluz na parede
Quem deu e quem trabalhou.

Trabalho, esportulas, fôram
Da fé o fructo subido;
Quem de Deus ampara o templo,
De Deus ha de ser querido.

Naquelle sublime alcaçar
Eil-a—Sua Mãe fulgúra;
Entre o bello, a que Elle alçou-se
Raia d'Elle a formosura.

Invocada qual Senhora
Divina da—Piedade,—
Ampare aos, que serviram,
Ouça a triste humanidade.

LAMENTAÇÕES DO AFRICANO.

Quando eu estava na minha terra
Era mui ditoso, era feliz,
Hoje sou mui desgraçado,
Pois o destino assim o quiz.

Estava então na minha infancia,
Durante o dia só brincava,
À noite minha boa mãizinha
Lindas historias me contava.

Suavemente eu adormecia
Assim embalado docemente,
No seu macio e bello collo
Meus sonhos eram do innocente.

Quando pela manhan despertava
Corria no prado entre as flores
À caça das borboletas e colibris,
Que eram os meus lindos amores.

Si me magoava quando cahia,
Minha boa mãe me estreitava,
Prodigalizando mil carinhos,
Em meus labios beijos pousava.

De minha boa e querida mãe
Eu era o seu querido mimo;
Deixei ella pobre, coitadinha,
Sem protecção, sem arrimo.

Hoje sou humilde captivo
De um fero e atroz senhor,
Que me açoita cruelmente,
Sem piedade e sem temor.

Perdoae, meu Deus, aos verdugos
Que me reduziram á escravidão;
Compaixão para esses miseraveis,
Fascinados por infima ambição.

Livre eu sou por natureza,
Nasci na livre terra africana;
Não devo pois ser captivo,
Assim ordena a lei humana.

Ergueu-se depois e se aproximou
De um abysmo mui profundo,
Despenhou-se nelle, coitado,
Dizendo adeus á vida, ao mundo.

L. S. C.

VARIÉDADES.

SENTENÇA PROFERIDA POR UM JUIZ DE UMA DAS VILLAS DA PROVINCIA.

O supplicante não deveria preparar-se a exercer uma industria sem que se informasse: 1.º, do que a legislação do paiz tem estabelecido para o seu livre exercicio, pelo principio bem sabido de que *quem não tem peito não toma mandiga*. De mais, aquelles que dormem, diz Fenelon, a lei não favorece. A vista do que julgo que tal petição está no caso de merecer meu indeferimento. Quanto ao advogado que fez esta petição, e que tanto falla em justiça e equidade, tenho a recomendar-lhe: em 1.º lugar, que não aceite causas por sua natureza perdidas; em 2.º, que nunca invoque em seus arrasoados entidades chimericas. Depois de passar este sabão ao advogado é tambem de rigorosa e indispensavel justiça que, usando dos direitos que as leis me concedem, e sobre tudo o nosso pacto fundamental, que tambem *passa uma lavagem* ao procurador desta causa, nesse padre de costumes reprovados, que esquecido da dignidade do sacerdocio a que foi elevado, e da importancia de sua missão sobre a terra, se dá ao officio de procurador de causas e de chicanas e tem levado a sua pouca vergonha e despejo ao que ha de mais sagrado a ponto tal que requer quotidianamente mandados de penhora, multas e outras quejandas, contra infelizes paes de familias, a quem a imperiosa lei da necessidade (a que cegamente obedecem) obriga a esmolar o pão da miseria á caridade publica. Portanto, assim advirtidas, partes e procuradores, o escrivão dê cumprimento a esta, publicando e intimando as partes, e condemno a parte requerente nas custas, que poderá havel-as do seu bello procurador.

O REI CUMPLICE.

Entrando Luiz xiv um dia de manhan em uma das salas particulares, encontrou um individuo que, em cima de uma escada de mão, estava despregando um rico relógio de parede. O rei julgando que era alguma pessoa do serviço do palacio, e vendo que a escada podia resvalar, aproximou-se e segurou-a em quanto o homem despregou o relógio, e depois seguiu o seu caminho de passeio.

Passados algumas horas veio o mordomo

participar ao rei que tinha desapparecido de uma das salas um magnifico relógio, e que provavelmente teriam furtado.

—Não digaes isso a pessoa alguma, respondeu o rei, eu mesmo fui cúmplice; pois segurei a escada em quanto o ladrão se demorava a despregal-o.

QUE CALCULISTA!

Certo estudante, a quem pela sua pouca applicação estavam os lentes reprehendendo constantemente, apresentou-se a exame.

O professor que mais aversão lhe tinha, sabendo quão atrasado elle estava nas mathematicas, perguntou-lhe ironicamente:

—Poderia o Sr. sommar quantidades homogeneas e heterogeneas?

—Sim, senhor, respondeu.

A esta resposta o professor, acalorado, perguntou:

—Qual é então o resultado que tira sommando, por exemplo, 6 libras de canella, 18 de cacau e 4 de assucar?

—Chocolate, respondeu fleugmaticamente o interpelado.

DICCIONARIO PANTAGRUELICO.

Aba:—parte da casaca, que serve de guaranição aos chapéus.

Barata:—insecto nojentto, que não encarece a fazenda.

Cavallo:—animal importante, que os pedreiros não dispensam.

Camara:—diarrhéa complicada com alcovas e embarcações.

Conde:—titulo de grandeza, que se acha registrado no livro das *quarenta folhas*:

Destemperro:—desarranjo de barriga, a que chamam desproposito.

Espora:—flôr estimada, cujas rozetas são flagellos dos cavallos.

Felicidade:—nome proprio de mulher, que nunca perde no jogo.

Gato:—peça de ferro, que corre atraz dos ratos.

Historia:—narração veridica de successos, misturada com mentiras.

Instrumento:—alfange ou punhal, que serve de prova nos processos.

Junco:—embarcação chineza, envolvida em esteiras.

K:—letra grega representante do numero 20.

Lima:—fructo apreciado, mas que ataca o ferro.

Macaco:—animal que serve para cravar estacas.

Nora:—machina hydraulica, que tem mãe por cortezia.

Olho:—orgão da vista que se entra no sol.
Papagaio:—ave parladeira, que no ar se sustenta sem azas.

Pasta:—cartapacio de menino levar a escola, que tambem serve aos alfaiates para acolchoar casacas.

Pupilla:—menina do olho, debaixo de tutela.

Quina:—casca amargosa, que se encontra no canto das ruas.

Rei:—soberano, que joga no trinta e um.

Romana:—mulher que não nasceu em Roma.

Salva:—peça de vidro ou metal que se põem de infusão.

Tijollo:—material de barro com que os namorados fazem seu engodo amatorio.

Unha:—excrescencia membranosa no canto do olho que se apara com thesoura ou canivete.

Viola:—instrumento de corda que os boticarios tocam dentro de um boião.

Xa':—arvore-rei.

Y:—gancho ou forquilha que figura no alphabeto.

Zanga:—especie de moinho da antiphatia do auctor do Diccionario pantagruelico.

VALENTE!

Estão um defronte do outro, dous sujeitos para se baterem em duello a florete. Um delles, que se vê obrigado a arriscar a vida, não sabemos por que bagatella, no momento em que seu adversario se prepara á aggressão, diz-lhe:

—Não se convencionou que, para ficar bem illibada a nossa honra, um de nós ha de ficar no sitio do duello?

—E' verdade.

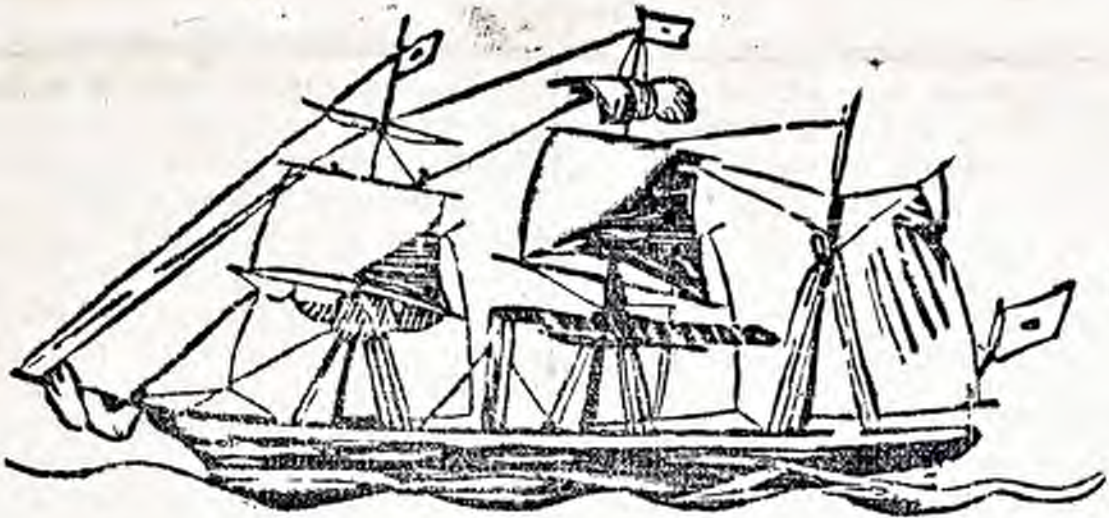
—Pois então fique o senhor, porque eu retiro-me.

E retirou-se deixando estupefacto o adversario.

Jorge I., quando viajava, pagava sempre muito caro tudo quanto comia nas hospedarias onde se demorava; deliberou não parar em mais nenhuma; mas um dia enquanto mudavam os cavallos em Alkiermer, pediu na pousada, que lhe arranjassem tres ovos frescos. Quando foi pagar perguntou quanto era, e o estalajadeiro lhe respondeu que duzentos florins.

—Duzentos florins! exclamou Jorge. Por força que são aqui muito raros os ovos.

—Não é de ovos que aqui ha falta, o que apparece pouco são os reis.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 47.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

27 DE JANEIRO DE 1869.

N. 462.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
26 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que na ladeira do Quebrabunda, estrada do Rio Vermelho, apparecem á noite vultos que investem sobre as ganhadeiras de peixe para roubal-as.

Na sexta-feira, foi atacado um preto por tres sujeitos, os quaes tomaram lhe o que levava. Em vista do que, pede-se a S. S. se digne tomar providencias á respeito.

—Ao mesmo, chamando sua attenção, para um hotel á Calçada n. 106. onde nos informam ha constantemente jogos prohibidos, ao qual concorrem caixeiros, filhos familias, e até uma authoridade policial, que em uma noite bem proxima perdeu 400\$ rs.

—Ao Illm. Sr. inspector da fazenda provincial, communicando-lhe que no hotel á Calçada n. 106, ha dous bilhares, onde se joga noite e dia, sem que o proprietario tenha pago o respectivo imposto, e como seja isso uma extorsão á fazenda, leva-se ao conhecimento de S. S. para providenciar como acabar justo.

—Ao Illm. Sr. provedor da casa da Santa Misericordia, apresentando-lhe a seguinte observação, para, no caso de S. S. achar justa, tomal-a em consideração:

Ao passo que no hospital se fazem obras custosas, como ainda no sabbado concluiu-se uma apparatusa sala para autopsia dos cadaveres, é de admirar que a capella onde estão expostas as Imagens da Santissima Virgem da Piedade e do Senhor do Bomfim, pareçam mais um logar immundo do que outra cousa.

Quando chove, a capella fica alagada e ameaça vir á baixo a cada hora.

Certos do spirito de religiosidade que adorna a S. S., espera-se que S. S. attenderá promptamente ao que fica dito, ou que ao menos, a continuar, por decencia do culto, mande retirar as Santas Imagens de tão improprio logar.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, reclamando contra o inqualificavel procedimento de uma frota de moleques que se reune todas as noites e nos domingos de dia, no Sodré, atirando pedras, perseguindo aos velhos e mendigos, e proferindo palavras torpes e obscenas.

S. S., a quem está confiada a policia dessa freguezia, de certo não se esquivará de tomar em consideração a presente reclamação em bem da moralidade publica.

—Que diabo de sarceiro é aquelle?

—Foi um roubo.

—Arre, com tanto ladrão!

—Dizem que o moleque Zacharias escravo de um Sr. Cerqueira, á ladeira do Desterro,

bateu as azas, voou, com a lata onde guardava dinheiro. Manuel José dos Santos, com taverna á rua da Poeira, em quanto esto foi ao canteiro encher uma garrafa de vinho que o moleque fôra comprar.

— Por estrategia?

— Parece.

— Olhe que os ladrões não dormem.

— Muita cousa vae pela cathedral que o Sr. arcebispo não sabe.

— Ou si sabe, deixa passar.

— Tambem pode ser.

— Está, que no domingo ultimo, os fieis cançaram de esperar por missa no collegio e não appareceu um so conego para celebrar o officio divino.

— E depois clamam contra a indifferença religiosa, quando são os primeiros a dar o mau exemplo.

— E ficam hoje os assignantes de Santo Antonio á gagozal! Não lêem a folha.

— A razão?

— O postilhão está inutilisado.

— Succedeu-lhe algum desastre?

— Passou na sexta feira, pelo Maciel de Baixo e um preto doudo da casa n.º 52, deu-lhe tão formidavel pedrada que o pôz troncho de uma perna.

— Tambem so nesta terra se vê disto!

Ter-se um doudo furioso solto a fazer mal a quem passa!

— Já outro dia estava elle a atirar tudo que havia em casa para a rua.

— Como vão as irmans de caridade?

— Passam excellentemente.

Não ha mal que lhes venha.

— Não é isso que lhe pergunto. Como vão á respeito de abusos e excessos? Já se corrigiram?

— Mais depressa o mar seccará.

As mulheres são omnipotentes e não ha forças que as faça domar.

Enraizaram o seu dominio no hospital de tal forma, que não ha poder que as abale.

E por isso riem e zombam das justas censuras que lhes são feitas.

A subserviencia ali impera. Pergunte-se em presença de uma dellas a qualquer empregado, si está contente e satisfeito, que immediatamente responderá que sim; embora tenha convicção que mente á sua consciencia.

— E' que todos precisam de viver, e sabem por experiencia, que o odio das candidas irmans é implacavel e seu poder absoluto.

— E ai daquelle que incorrer em suas iras,

ou sobre que pelo menos pese a mais leve suspeita.

— E a essas mulheres vingativas, rancorosas, chamam pacientes, soffredoras, charidasas!

— Aponte-se um abuso qualquer praticado no hospital, trate-se de syndical-o, e todos os empregados á uma voz responderão que tal não se deu!

— Porque todos temem o poder das irmans de charidade.

— Um dia destes, disse-se que as irmans mandaram chamar o medico interno para medicar um enfermo perigoso e esquecidas, foram se recrear no seu sumptuoso jardim, deixando o medico fora, o qual bateu a desesperar e retirou-se.

— Lembro-me disso.

— Consta que o Sr. provedor procurando informar-se do facto, lhe disseram os empregados que tal cousa era inexacta!

— Mas ahi está o medico para declarar por sua honra si o caso se deu ou não.

— Si o Sr. provedor quer saber si as irmans trancam o hospital em quanto vão passar o tempo em seu bello e aprazivel jardim, appareça ali inesperadamente uma noite, para se desenganar.

— O que vale é que ha escandalos que não podem occultar, porque todos veem.

Por exemplo: ha quem tenha o arrojo de negar que as irmans de charidade, não mandam os doudos, como si fossem seus escravos, acompanhados por um servente, carregar areia e conchas das praias do Mont-serrate, para aformosearem o seu jardim?

— O que é um risco; uma chusma de doudos pela rua.

— Serão capazes de negar que as irmans de charidade, levadas por desmarcada avareza, negociam e criam uma immensidade de porcos, dentro do hospital, infringindo as leis municipaes e prejudicando a hygiene?

Se animarão a negar, que com as irmans de charidade se fazem gastos extraordinarios, luxuosos; que ellas tem uma excellente casa, contigua ao hospital, onde passam as noites commodamente, casa essa ornada de custosa mobilia envernizada, ao passo que, no tempo que as brasileiras eram empregadas no hospital; os commodos que lhes davam eram humidos aposentos por baixo das enfermarias, as quaes quando se lavavam alagavam-se e enlameavam-se?

Não será isto uma preferencia odiosa?

Não será verdade, que as irmans de charidade não curam no hospital molestias venereas, mesmo ás pessoas do seu sexo e que obrigam, como que por desprezo, as moças brasileiras a esse mister?

Não será verdade, que uma dessas moças já respresentou a respeito ao Sr. provedor uma vez?

Porventura serão mais castas, mais pudibundas essas estrangeiras do que as nossas patricias?

Quando por ali propalava voz publica que uma tal irman Izabel, que houve no hospital, mantinha, ali dentro, relações illicitas com um Mr. François, e que quando sahia á noite para o serviço das rondas, ia se soecar no quarto do mesmo, sendo muitas vezes pegada á mão, até que por seus escandalos foi chamada pelo instituto á França?

E' nisto que se cifra a castidade das irmans?

E' ahí que está a moralidade do hospital?

— Isso é um escarneo, uma irrisão.

— Ouça agora si os estrangeiros são ou não tratados com mais distincção do que os nacionaes no hospital de charidade.

Um empregado do *Jornal da Bahia*, teve a infelicidade de perder um braço e achia-se em tratamento na santa casa.

Seus collegas foram-no visitar. Sabe-se que o artista iem horas certas de entrar para o trabalho e a hora de que dispunham era de manhan.

As *charidosas* não consentiram que entrassem, ao passo que franqueavam a entrada a uns estrangeiros que iam ver um patricio!

(Continúa.)

— Viu-se em papos de aranha, eim meu rapaz?

— Ora deixe-me. Eston todó arreventado. Maldieto boi! Fez-me do corpo pineu.

— E parece que queria com as patas cavar he um buraco no estomago.

Para outra vez entre no matadouro com cuidado.

— O que me parece é que deve haver muita cautella com os bois bravos no curral, para não acontecer a outro o que me succedeu.

— São cousas que ninguem pode prever.

— Do mau agouro vae o começo deste anno! Quasi todo dia uma desgraça!

— Ainda ante-hontem, 24, á noite; do 2.º andar da casa n. 29, á rua da Misericordia, um rapaz de nome João Frederico, vulgo Pernambuco, precipitou-se na rua e deu alma ao Creador.

— E na noite de 25, queria dar fim a vida o Sr. João Gualberto de Souza Pimentel, morador á rua dos Caldereiros, dependurando-se em uma corda.

Felizmente escapou.

— Deus se amercie de todos.

Á PEDIDO

Por quatro contos de réis.

Faz-se a justiça *esticar*. . .

Essa boa! . . . Que pechincha

há *Praia* mariscar.

Dous contos para o escrivão,

Oh, que boa pepineira!

Agora, tempo de festa,

Pode haver melhor melgneira?

Precipicio & Cunhu.

— Charo subdelegado, faz favor?

— Ao dispor de V. Ex.

— Pesa sobre V. uma grave accusação.

— O que será?

— São tantas ellas que V. não atina!

Pois eu lhe digo.

E' nada menos do que isto:

Dizem que na sua freguezia fora preso um ladrão de cavallos:

Os cavallos eram sete; conta mesmo de ladrão. . . . como V. não ignora.

— Irra!

— Ouça callado.

Dizem mais que V. *transigiu*; isto é: que o ladrão foi-se em paz, levando com siigo dous cavallos, e ficaram cinco em seu poder.

— Santa Virgem do *Pilar*, que falsidade!

Os cavallos estão depositados no engenho do *Ermo*.

— Espere lá um poueco, não se antecipe.

Em lugar de V. mandar os cavallos para o curral municipal e annunciar para apparecerem seus donos, entregou-os a um seu amigo *Sabido*, no engenho do *Ermo*.

Esses cavallos são alugados para bandos e passeios e os cobres V. chucha.

Agora veja o que tem a dizer em seu favor.

— Eu. . . eu. . . . nem sei o que hei de dizer.

— Confessa o crime.

Ora um subdelegado da sua ordem so atado sobre dura *rocha* a um pé de *amoreira*, gosando da afabilidade do muxingueiro.

— Capitão, uma historia.

— Vamos com ella:

— Passou-se na *cidade do trafego*.

Em uma casa, edificada n'uma *rua* ainda *nova*, habitava o 3.º e 4.º pavimentos um velho maior de seus sessenta, filho das margens do *riacho*.

Essa propriedade pertencia ao negociante *Xico Xavita Racha-lenha*.

Alguem pretendeu a casa, onde habitava o velho *Iesen*, e a instancias desse alguem, *Racha-lenha* moveu-lhe um pleito de despejo; certo da promessa que lhe fez o pretendente.

que *faria* todo possível e metteria até *cunhas* para vencer.

Era uma sem razão, porque o velho estava em dia nos seus pagamentos e por isso o pleito não produziu o desejado effeito.

Em uma noite, porem, a penultima de um mez dos que seguem *depois de setembro*, o inoffensivo velho é ataeado em sua casa barbaramente espancado e deixado por morto!

A noite é propicia aos malfeitores, e no meio das trevas é que o sicario realisa seus planos tenebrosos e ensopa as mãos no sangue de suas victimas.

Foi pois á noite que os assassinos de *Iesen* intentaram roubar-lhe a vida.

O velho entrara da rua e depois de fechar sua porta com pesada tranca, deitou-se.

E' preciso notar que estava só, porque sua familia se achava em outra casa na rua que pertence ás *Princezas* para onde tencionava mudar-se.

Mal tinha passado pelo *primeiro somno*, quando acordou sobre saltado pelos passos que ouvia no 4.º andar que estava cuidadosamente fechado.

Para verificar que não estava enganado, toma um candieiro e vai ao pavimento superior; ali encontra uma porta que tinha sido pregada aberta, e pressente que dentro havia gente.

Atemorisado, desce, veste-se e quer sair para pedir soccorro.

Um vulto o acompanha e no ultimo degrau fere-o cruelmente na nuca, estendendo-o sobre o lagedo atordoado.

Por uma restea de luz, que do lampeão fronteiro a casa se projectava pela fresta da porta de sabida, e que vinha bater no rosto livido do sicario, conheceu o velho que o seu aggressor era o proprio sujeito que disse *faria* empenho e metteria *cunha* para despejal-o da casa.

Quando entenderam que estava consummada a sinistra obra de requintada maldadez, carregaram o velho e o foram deitar banhado em sangue, em um leito que não era o seu.

Foi o resultado, a vendieta infame e covarde, de uma altercação que dias antes tivera *Iesen* com seu aggressor.

(*Continua*).

CHAPA POPULAR E ARTISTICA DO CURATO DA SE.

Angelo José Ferreira Coelho, negocio.
Arnaldo Gentil Ibirapitanga, emp. publico.
Antonio Adolfo Marques Porto, negocio.
Antonio Francisco Lopes, artista.
Francisco Xavier d'Oliveira, artista.

Guilherme Augusto Fonseca Lima, emp. pub.
Hygino Rodrigues Sanches Palmeira, artista.
Alferes Horacio José de Lemos, artista.
Ignacio Miguel da Costa Nunes.
João Emygdio da Silva Lima, artista.
João Alves Vieira, empregado publico.
João Francisco Coelho Flores, artista.
João Luiz Pereira da Silva, negocio.
João Pereira dos Santos, artista.
Joaquim José dos Santos Maia, artista.
Joaquim Cornelio de Sant'Anna Torres, art.
José Thomaz d'Aquino, artista.
José dos Reis Herculano, artista.
José Porciano Ribeiro Carnaúba, artista.
José Marcellino Madureira, artista.
José Maria Franco, artista.
Lazaro Antonio de Jesus, artista.
Marciano Antonio da Silva e Oliveira, prof.
Marcolino Rodrigues Sanches, artista.
Paulo Manuel Coitinho, artista.
Silvestre José Pereira, negocio.
Alferes Sebastião Alves Pessoa, negocio.
Severo José do Nascimento, artista.
Silvestre José de Miranda.
Salvino d'Araujo Farias, caixeiro.
Tranquilino Teixeira da Silva Biquíba, art.

VARIEDADES.

FAMILIA DE SUICIDAS.

Contam folhas francezas que appareceu enforcado um velho de setenta annos na sua casa na rua de la Roquette, em Paris. Sobre uma mesa achou-se um papel com a seguinte declaração: «Não se culpe ninguem pela minha morte. Enforco-me voluntariamente por que não podia deixar de fazê-lo. Assim tem acontecido em toda minha familia. Meu avô degollou-se com uma navalha; meu pae, despedaçou a cabeça com um tiro de pistola e do mesmo modo succumbiu meu filho mais velho. A minha filha Margarida, afogou-se no rio ha dons annos e eu obedeco á fatalidade que pesa sobre minha familia ha mais de cem annos.»

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e bem conhecido café moído puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, e na Saúde, rua do Jôgo do Lourenço, casa n.º 199.

Previne-se que qualquer porção comprada levará no involtorio o dístico seguinte—M. José de Azevedo—saltando o qual, deixa de ser dos logares indicados: outro sim não se vend para taberna alguma.

Typ. de Marques, Aristides e C.º



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Serie 47.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

29 DE JANEIRO DE 1869.

N. 463.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
28 de janeiro de 1869.

Officio ao Ilm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que ao Gravata, em casa do Sr. Ernesto musico, ha uma negrinha que faz compaixão ver! Está com o corpo todo cicatrizado, porque apanha desde que apparece a luz do dia até á noite.

Um carrasco, que nessa casa mora, não tendo mais logar onde lhe applique as pancadas, inventou dar-lhe bastonadase bôlos nos pés, e isso por diversas vezes ao dia, encommodando bastante a visinhança com tal acto de barbaridade e selvageria. Em vista pois do que acima fica exposto, esperamos que S. S. tome, por amor á humanidade, as providencias que o caso requer.

—A' meza da veneravel ordem das *Tres pessoas*, prevenindo-a para que tome bem sentido com certo meninorio, que foi se estabelecer com loja de rolos com pavios pelas suas visinhanças.

O tio *lezador* e o sobrinho tão perto do tio não pode dar bom resultado, a julgar pelos precedentes do Caes Dourado.

—Ora nenoroques!

O Bernardo é um homem

Que ninguem sabe entender;

Diz que não come cosido,
Assado não quer comer.

—Vire folha.

Approvou-se a proposta de Brotas?

—Assim dizem.

—Então o presidente ja mudou de opiniao; não espera mais pela reforma da guarda nacional.

—Agora mesmo é moderação e justiça para harmonia dos brasileiros.

—Ah, cara dura!

—Pois não ha quem veja isto!

E' manciara esta de se demolir uma propriedade?

Enormes pedregulhos a saltarem com risco imminente da vida de quem passa!

—E esta maldieta poeirada a suffocar a todos!

—O proprietario diz que não pode prohibir, porque a obra é de empreitada!

—Bem! Adiantem os pedreiros, embora matem alguém!

—E V. não acabou de fallar, la desabou metade da parede, espedaçando os andaimes, quebrando as vidraças da visinhança e atirando tudo ao chão.

—Foi milagre não passar alguém agora.

—N'uma rua como esta do Collegio! Grande delcixo.

—São uns ingratos estes conservadores!

—Que razão tem V. para dizer isso?

—E' por que elles devem a victoria alcan-

cada nas urnas do curato da Sé, a 7 de setembro de 1868, ao professor Marciano, e não se lembraram d'elle para incluí-lo na chapa eleitoral!

—Mas quem lhe disse que o triumpho em 7 de setembro foi devido a esse distincto conservador?

—Elle que diz a quem queira ouvir.

—Ora elle que vá catar pulgas.

—Temos noticias do sul.

Lê-se no *Jornal do Commercio*.

«Entrou hontem do Rio da Prata o paquete francez *Aunis* com folhas de Buenos-Ayres e Montevideo até 14 e 15 do corrente.

«No dia 5 o grosso dos exercitos alliados entrou na Assumpção, d'onde na vespera já tinha partido uma expedição por agua para Matto Grosso, afim de restabelecer as communicações com aquella provincia.

«O Sr. marquez de Caxias apropriou para quartéis e hospitaes todos os edificios publicos da capital paraguaya, ordenando, porem, que se respeitasse religiosamente a propriedade particular. No empenho de manter a ordem e inspirar confiança aos vencidos, organisou-se ali um corpo especial de policia. Com effeito, as familias principiavam a recolher-se a seus lares, e á sombra das armas aliadas sentiam-se seguras e tranquillias.

«Em Serro Leon somente mulheres, crianças e gente inerte foi encontrada. Ia ella voltando á Assumpção, e a noticia do bom agasalho que encontrava da parte dos alliados não tardaria a produzir, espalhando-se ao longe, os seus naturaes effeitos sobre o que restava do povo paraguayo.

«Lopez desaparecera sem deixar vestigios; ao menos ninguém sabia indicar o rumo que levava, e muito menos o ponto em que se achava. Ora, mal se podendo suppôr que estivesse elle em qualquer parte com forças organisadas, sem que logo corresse a noticia, parecia altamente fundada a presumpção geral de que se houvesse escapado para a Bolivia, ou que errante e fúgitivo se conservasse occulto, espreitando occasião de passar-se para bordo de algum navio estrangeiro.

«Causa horror a narração das atrocidades commettidas nos ultimos momentos pela féra paraguaya, que parecia empenhada em não deixar após si folego vivo no desgraçado paiz que via prestes a escapar-lhes das garras. Esta narração, em parte feita pelos prisioneiros, em parte consta de documentos que o governo argentino estava colleccionando para fazel-os correr mundo impressos em varias linguas.

«Parece realmente que Lopez não deixou

vivo um só homem de alguma importância politica ou pecuniaria. Os desta ultima qualidade, fossem nacionaes ou estrangeiros, eram immolados para se lhes confiscar a fortuna, e esse thesouro que se diz entregue a uma canhoneira italiana não era provavelmente senão o fructo da expolição e do roubo. Estas mesmas atrocidades offerecem mais uma vez a probabilidade de que nas Lombas Valentinias deu Lopez tudo por acabado.

«Um telegramma de Buenos-Ayres annuncia que o governo argentino dirigira ao representante da Italia uma nota, dizendo-lhe que, enquanto os seus compatriotas eram espingardeados e roubados, os agentes italianos no Paraguay somente cuidavam em salvar os bens do dictador.

Buenos-Ayres 15 de janeiro de 1869.

«Devo aqui referir um episodio. O coronel paraguayo Martinez, que capitulou na peninsula, não tinha acreditado o que se lhe dizia dos tratos dados á sua esposa e duas ternas filhas. Agora, porém, colhendo a evidencia do facto, ficou como louco de dor e de raiva.

«Foi á egreja das Mercês, e lá prestou o juramento solemne de tirar a vida a Lopez onde quer que o podesse achar, fosse dentro ou fóra de seu paiz; na frente de seu exercito, ou sobre o leito de moribundo.

«Em seguida embarcou-se para o Paraguay; pedira ao marquez um, dez, cem homens, os que quizer confiar á sua lealdade (que leal deve ser, pois é um bravo), e dará caça ao tyranno por através de matos e brezilas.

«Este facto causou sensação, como tudo que se refere ás crueldades de Lopez.

«Desde ante-hontem tive eu noticia, por pessoa vinda do exercito, que o intrepido barão do Triumpho, tendo sido accomettido de uma febre pernicioso, e descurando-a para desempenhar o encargo de perseguir a Lopez, tinha sentido aggravar sua molestia, a ponto de se conservarem poucas esperanças de o salvar.

«Agora mesmo dizem-me que outra pessoa chegada hoje accrescenta que o heroe do Pilar, do Jacaré e do Avahy tinha já succumbido!

«Será isto um accreseimo por indução daquelle primeira noticia ou terá o imperio, e sobretudo a provincia do Rio-Grande, de chorar mais uma illustre victima?

«Não posso sabê-lo, mas por todos os meios a meu alcance averiguarei si é falso

o boato para o desmentir na primeira occasião.

—Já que estamos aqui reunidos, vamos palestrar um pouco.

—Mas sobre o que havemos nós palestrar?

—Sobre as extravagancias de nossas jovens.

—Peço a palavra.

—Tome-a.

—Si o negocio principia com pulhas; eu tambem arrumo a minha.

—Vamos lá, meu charo palestrador, V. Ex. tem a palavra.

—Então vou principiar a errar, com ar de deputado caoutro.

Sr. presidente; não posso deixar de metter a catana em um uso extravagante e barbaço da nossas jovens.

Quero fallar dessas impressas dos corpos de que a moda obriga as nossas jovens a usarem, desses cylindros de ferro a que chamam *espartilhos*. que lhes faz os corpos phthysicos, para as fazer delicadas.

Uma menina que pretende ser delicada, alem da vontade da natureza, molha a sua figura em um apertado espartilho.

—V. Ex. dá licença para um aparte?

—Pois não.

—Ha aqui um coronel reformado, que quando se apresentava na frente do batalhão, era todo espartilhado.

—Conheço muito, é o coronel *canastra*, que fazia isso afim de ficar geitoso e diminuir a formidavel *giba*; e tambem pintava os bigodes para parecer moço.

Mas deixando, Sr. presidente, de parte o *canastra*, passo ás jovens senhoras.

O que acontece ás senhoras, por causa deste uso?

Ninguem sabe.

Acontece a respiração apressada ou eustosa, palpitações do coração; circulação do sangue opprimida e por tanta debilidadade dos orgãos; inflexão da espinha dorsal e desarranjo da economia interna; digestão penosa; e de tudo isto affecções pulmonares, e por fim uma phthysica: eis aqui os effeitos e os inconvenientes dos espartilhos demasiadamente apertados.

Mas muitas senhoras tem os seios grandes e entendem diminuir-os.

—Pois eu estimarei bastante si me casar com uma mulher nestas circumstancias, por que faço economia no traveceiro.

Cumpre-me todavia declarar que não pleiteio senão contra os espartilhos demasiadamente apertados, sem desconhecer as vantagens desta parte do vestuario para dar ao cor-

po um ar engraçado, impedit-o de contrahir o habito de posturas defeituosas, e supprir de alguma forma em uma menina os exercicios gymnasticos, que lhe são extranhos!

Seja-me permittido declarar com as maneiras mais polidas e respeitosas que possa empregar-se com o bello sexo, que as moçolheres estão em um perfeito erro quando imaginam augmentar suas graças naturaes, dando ao seu talhe uma inflexibilidade, e ao mesmo tempo uma apparencia fragil e penosa de ver se.

Belleza e saude são duas qualidades intimamente unidas. Uma cintura excessivamente delicada faz disparidade com o resto do corpo: a dura compressão das barbas da baleia e das folhas de aço que impedem o desembarço, e a agilidade de movimento que dão expressão e graça; porque a vida e o sentimento estão comprimidos sob estas armaduras immoveis e inflexiveis, e apenas se manifestam por um movimento maquinal e constrangido, semelhante ao de um automato que se move por meio de força estranha.

Não é uma crueldade comprimir entre duas talas o corpo terno de uma creança, quando a natureza o quer desenvolver e dar lhe as formas graciosas da perfeição? desarranjar sua tenra machina só para que tenha uma cintura da moda? E não são as mães responsáveis pela vida que dão aos seus filhinhos, e não receiam arruinar-lhes a saude ainda antes de nascerem?

Ellas empregam seus mais bellos annos em os alimentár a seu seio, em os acalentar no berço, em lhes dar extremosos cuidados; condemnam-se a penosos sacrificios para preencherem os seus deveres maternas; mas poderão resgatar-lhes o vicio de constituição, que lhes fizeram contrahir nos primeiros dias de sua existencia? poderão restituir-lhe a saude que lhes fizeram perder em sua infancia?

Julgo ter demonstrado a insufficiencia e perniciosidade dos espartilhos, segundo um artigo do *Archivo Popular*, que tenho ás mãos.

—Muito bem, muito bem!

Não havendo mais quem peça a palavra, está encerrada a discussão.

Á PEDIDO

(Continuação do n. antecedente.)

—Vem concluir sua historia?

—Si V. Ex. permite.

—Prosiga.

—Quando amanheceu, os famulos de *Ieser* o foram encontrar prostrado em um leito, sentidos, inundado em sangue.

Os vestígios do crime eram patentes. A entrada da casa, um grande lago de sangue denunciava que n'aquelle logar se havia perpetrado um crime atroz, uma dessas barbaridades que horrorisam.

A noticia espalhou-se de subito como um relampago pela cidade do trafego e todos, á uma voz, apontaram como author de tão nefando attentado o tal sujeito que *faria* por metter *cunhas*, tendo por cúmplice seu socio, um gallego que é mesmo um *precipicio*.

A justiça compareceu, e procedeu a investigações que levaram á evidencia a perversidade dos dous malvados; mas, capitão, a balança da justiça de Latronopolis, não costuma pender para o lado onde ha maior prova de razão, e sim para aquelle onde ha mais poder e dinheiro.

Na consciencia dos juizes pesa mais o ouro que o direito.

— Salvando sempre as honrosas excepções.

— Está claro.

E receiando isso, foi que a consternada filha de *Iesen* hesitou em pedir a severa execução da lei sobre a cabeça dos assassinos de seu pae.

Sabia ella, que o patronato podia tudo nesta terra pervertida.

Ha juizes que, quando não cedem ao dinheiro, cedem aos pedidos.

Que muitos delles, embora tendo bons desejos, não podem obrar de consciencia limpa, pela dependencia em que vivem.

O jogo, o luxo desordenado, a influencia das saias, a ambição, o desenfreamento de paixões pouco honestas, são outros tantos agentes poderosos, que concorrem para a venalidade dos magistrados.

E por sobre tudo isso a ignorancia, o peor de todos os males n'um juiz.

— Felizmente, a regra não é geral.

— Por ventura pode-se lá crer na honestidade de um juiz que julga uns autos de mais de 300 folhas, em menos de 24 horas?

— Não!

— Prevendo estas contrariedades, a familia de *Iesen*, ainda uma vez, hesitou em pedir á justiça do desaggravo contra o inaudito e selvagem attentado que acabavam de commetter na pessoa de seu chefe.

A festa porém, estava na porta e os esbirros da justiça, neste tempo gostam de tirar o ventre da miseria e passar a tripa forra.

Melhor ensejo não se lhe podia deparar

A formina promettia ser gorda, e quer de um lado ou do outro, podiam comer bastante.

Um delles, pois, foi encarregado de persuadir a filha do velho, que entrasse em questão, por que as provas eram irrefragaveis; e

o proprio *juiz* asseverou-lhe que seu juizo estava formado e que a condemnação dos malfeitores era inevitavel.

Acalentada por tão enganadora esperanca, teve a ingenuidade de denunciar os dous faccinoras como authores das violencias feitas em seu pae e sentou-os no tamborete dos culpados.

Os inquiritos provaram de sobejo que eram elles os sinistros authores de tão execrando acto de perversidade.

E quando todos esperavam que a justiça cahisse inflexivel sobre a cabeça dos precitos da lei, viu-se com geral surpresa que elles foram livres de pena e culpa, e na opinião do julgador tidos pelas mais innocentes creaturas deste mundo de Deus.

— E o que obrou tão extranha metharmophose?

— A voz do povo sempre infallivel, que nunca erra, tirou logo a illação de que a justiça fôra comprado.

E na partilha o juiz teve 4:000\$ réis, o escrivão 2:000\$ rs.!

— Miseravel Latronopolis! Depravada terra!

— A authority corrupta, que tão miseravelmente se deixou comprar, deu como sahida á sua abominavel sentença o ser o velho amigo do vinho e a ter n'um accesso de embriaguez, commettido espontaneamente em si as violencias.

— *Proh pudor!*

— E o raposo do escrivão, sabido com o *Pedro mal-as-artes*, que agenciou toda essa meada de bandalheiras, lambeu os dedos com o gordo manjlorum.....

ANNUNCIOS.

COLLEGIO ONZE DE JUNHO

A' RUA DAS LARANGEIRAS.

Abre as suas aulas no dia 1.º de fevêreiro proximo futuro.

O director.—F. A. de Freitas.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e bem conhecido café moído puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, e na Saúde, rua do Jôgo do Lourenço, casa n.º 199.

Previne-se que qualquer porção comprada levará no involtorio o distico seguinte—M. José de Azevedo—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados: outro sim não se vende para taberna alguma.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 47.

Preco d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

30 DE JANEIRO DE 1869.

N. 464.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
29 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande despejar umas importunas aranhas que assentaram de estabelecer fabrica de bambinellas no corpo da guarda de sua secretaria; e outro-sim que sirva-se de dar suas ordens para que a referida guarda não continue á permanecer á noite em trevas como até agora.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que acabe com o insupportavel ajuntamento de moleques na ladeira da Saude em uma venda que faz quina para o largo do mesmo nome. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que procure o dono da padaria ao becco do *Bento-Padre*, e previna-o de que, a continuar o intoleravel escandalo que se dá em sua casa, onde uma tropilha de capadocios, de sucia com o caixeiro, não só praticam immoralidades, a ponto da referido caixeiro apresentar-se no baleão em ceroulas, sem camisa; como provocam e maltratam tanto aos vizinhos como a quem passa, terá o muxingueiro de ir até lá corrigir aquella indisciplinada caterva. Cumpra.

—Aquelles cinco sujeitos algemados e acorrentados pelo pescosso, parece que são des-

tinados ao Paraguay, onde ainda chegam a tempo de levar a liberdade e civilisação áquella horda de barbaros.

—Enganou-se; são sentenciados e recrutas vindos de Caetité, que acabam de saltar do vapor de Cachoeira.

—Isto é uma irrisão!

O Brazil, que para civilisar o Paraguay toma dinheiro emprestado e derrama a jorros o sangue de seus filhos, acorrenta homens pelo pescosso, como si fossem brutos, e os expõe em espectaculo desde a cidade baixa até á secretaria da policia da Bahia!

—E' muito escarnecer!

—Não sei com quem me deva entender.

—Menos eu.

—A capella de Santa Barbara não está muito segura.

—O remedio é cada um andar por lá com cuidado.

—O que determina, meu rico?

—Venho dizer-lhe uma cousa.

—Pois falle.

—Os negocios da companhia não andam muito correntes.

—Mas o que ha?

—Falla-se em subtracções, certas escamotagens á noite no deposito, materiaes desapparecidos e outras censas.

—Mas a companhia não é bahiana?

—E'.

—Pois eu aqui só providencio sobre o que

se passa em Latronopolis; quanto á Bahia, isso é lá a quem compete, e neste caso procure o director.

—Vou entender-me com elle e pedir-lhe que mande proceder á um balanço para ver certas cousinhas.

—Vae amanhã ao Bõfim?

—Tenciono.

—Creio que não perde seu tempo.

A festa de S. Gonçalo, consta, é feita com um esplendor nunca visto.

A fertil cabeça do Fausto tem inventado tudo quanto é possível para realçar aquella função.

—Lá nos encontraremos.

LA VAE VERSO

Como é triste ver-se aqui
Sem terem em que cuidar,
Mil devassos e vadios
Pelas ruas a vagar!...
Não poderá a policia
Com tal praga acabar?

Ver ahí certos meninos
Com lingua de palmo e meio,
Intrigarem todo mundo
Sem ter o menor receio;
Quando bem podiam dar
Ao Paraguay um passeio.

Nos hoteis, por toda parte,
Encontra-se um borrachão,
Todo entregue a *malandrice*
E dado á vil corrupçãõ;
Em tudo s'introduzindo
Como maligno zangão!

O caixeiro embonecado,
O bello havana fumando,
O amo quasi quebrado
Vive a todos praguejando,
Emquanto o experto rapaz
Vae na gaveta lhe dando.

O fiscal, pouco se dá
Do que vae e do que vem;
Vive em paz c'os taberneiros;
Não faz mal; isso o que tem?
Tudo dá em bagatella,
Marcha a cousa muito bem.

O petit-maître namora
Bem escandalosamente;
Prega calotes a quem
Lhe fia casualmente!
Muda a rua logo que
O logista o apouquente.

Vae tudo á mil maravilhas;
Quem aqui feliz não é?
O povo vive repleto;
E dizem que tem até
Justiça e moderação
Tanta, a dar com o pé?

DOUS BEBADOS POLITICOS.

NA VESPERA DA ELEIÇÃO.

Em um barril vasio na taverna,
Sentado está o Chico carraspana;
Fumando de dez-reis um mau charuto,
Dos melhores fumados na semana.

N'uns saccos de farinha, d'outro lado,
Deitado á vontade o Zé-preguiça,
Immundo personagem de gravata,
O mais baixo empregado da justiça.

Não é nem mais nem ir enos que um meirinho,
O typo mais notavel deste mundo,
Espertalhão agente das chicanas
Experimentado em ver-do copo o fundo.

Não lhe cede a palma o bom do Chico,
E' seu rival no copo, não recua.
Passa a vida folgada, bebe e dorme,
E sonha que á cavallo pega a lua.

—O' lá, meu rapasolas, mais caehaça,
Que inda resta no bolso uma pataca;
E viva o voto livre! Que amanhã
Ou vencer liberaes, ou temos faca.

Assim bradava o Chico-Carraspana,
Que por alguns vintens ia votar,
O borrachõ que tem por patria a venda,
E o nojento balcão por seu altar.

O Zé-preguiça ergueu-se, poz-se serio,
E disse assim c'um ar atterador;
«Põe p'ra mim um vintem só de *canninha*,
«Que eu bem sei o que é ser-conservador.

O Chico ja de copo, ouvindo isto,
Pergunta-lhe zangado:—o que é que diz?
Por sua vez pergunta-lhe o meirinho
«Perdeu V. por cá o seu nariz?»

—Amode que V. virou casaca?
«Vejam lá quem falla... quem nada vai!
—E tu que és, meu Zé? um troca tintas;
«V. bem sabe que sou official....

—.... De justiça... Orá bolas! não és nada!
«E tu és vagabundo, és beberrão....
—No copo tu não falles; és parceiro,
Tambem alastras bem o teu porão.

E dê mais, calã a bocca; do contrario,
A' cabeça me sobe já o vinho....
«Assim cambaleando o que é que fazes?
—Arrumo-te este copo no focinho.

«Si-tu és gente, atira, que eu te mostro

«Si a minha posição não vale nada,
Mas nisso o taverneiro se interpõe
E põe a freguezia em debandada.

.....
E amanhã os dois votantes
De partidos contrarios, é verdade,
Si verão na cadeia conservados,
E gosando da grade a liberdadê?

Á PEDIDO

—Dá-se homem mais cynico do que este
Leandro!

—Um carranca de mais de 60 annos!

—Entendeu de fazer neste porto do *Mau fim*
quanta extravagancia lhe vem á cabeça!

—E pratica suas loucuras de janellas es-
cancaradas!

—Até os dedos ja entram na ordem de certo
instrumento para fazer experiencias.....

—Ah, velho *lanzeiro!* Tu fazes experiencias
com os dedos e eu quizera fazer-te com um
bóm vergalho..... nas costas.

ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA,

O Morreirinha, subdelegado do *Segura Pa-
reide* não pode continuar a ser 'authoridade:

1.º—Porque está vivendo da subdelegacia.

2.º—Porque é dotado de pessima índole e
ser notorio que é mau pae de familia.

3.º—Porque vive aferrado ao jogo como é
publicamente sabido.

4.º—Porque dá-se ao uso immoderado de
bebidas, a ponto de na propria sala de suas
audiencias, ver-se amontoadas garrafas de
spirito.

5.º—Porque entregou um cavallo roubado,
mediante 50\$ réis que lhe deram.

6.º—Porque é conhecido por comprador
de carvão de pedra roubado.

7.º—Porque é apontado como protector de
certos individuos que vivem de trampolinas
no mar e dos quaes recebe meias annatas.

8.º—Porque por sua crassa ignorancia,
commette desatinos e arbitrariedades.

9.º—Porque anda pelas *rampas* á Beira-
mar vendo onde ha ganancia para se armar.

10.º—Porque quando não está em seu es-
tado normal pratica violencias e attentados
contra a propriedade alheia.

Exemplo: tres viventes irrationaes que ha
pouco foram para'o fundo do mar.

ATENÇÃO.

O abaixo assignado declara que não estan-
do nas circunstancias de ser eleitor por esta
parochia, agradece a quem quer que teve a
lembrança de involver seu humilde nome na

chapa que *ex-vi* no periodico *Alabama* n.
462, porque não deseja ser de nenhum modo
alvo de caprichos desta ordem, pois vivendo
mui parcamente, cre que só se lembraram de
seu nome para tal fim, apenas para o arredar
da consideração de seus verdadeiros amigos.

Bahia 29 de janeiro de 1869.

Marcolino Rodrigues Sanches.

—Que prevenção! Que cuidado!

Antecipa-se até o caso de morte!

—Assim fazem os musicos e armadores
nas casas onde ha enfermos.

—Bem me disse não sei quem, que a mis-
são do juiz não é julgar!...

(Continuação do n. 461.)

—Entre os episodios da vida de pillagem
do gallego *João*, com hodega á rua da *Taboa
grande*, o seguinte é um dos mais notaveis:

De um escriptorio bretão foram furtadas
algumas peças de certa fazenda que tinha
vindo especialmente para aquella casa.

Os homens da terra da fumaça e da cer-
veja annunciaram e prometteram larga re-
compensa a quem descobrisse onde parava o
farto.

E' escusado dizer que quem *agazalhou* a
fazenda foi o gallego *João*.

Todos o estão advinhando que foi elle; o in-
fallível arrecadador de ladroeiras, o intrepido
capitão da quadrilha de larapios latronopoli-
tanos.

Comprou por uma ninharia á um preto seu
freguez e vendeu immediatamente a um lo-
gista de fazendas da sua rua, natural de *Ma-
galhães*, lucrando na transacção boa centena
de mil réis.

—Mas escute: o logista devia ter escrupu-
los, comprando fazendas a um taberneiro.

—E' o que V. Ex. julga! O gallego tem
labias e astucias para enganar ao proprio
Christo, si acaso viesse ao mundo.

Disse ao inadvertido logista que tinha re-
cebido taes fazendas em pagamento de uma
divida.

—Assim, qualquer cahe.

—O annuncio dos *godemes* despertou a a-
videz dos especuladores, que se pozeram á cata
de descobrir onde paravam as fazendas, para
ganharem a esportula promettida.

Tanto viraram, tanto mexeram, que foram
dar com ellas na *Taboa-grande*, na loja do lo-
gista de *Magalhães*.

D'ahi á meia hora a policia estava na porta
do homem e as fazendas apprehendidas.

O astuto gallego correu immediatamente a
prevenir ao homem de *Magalhães* que não de-
clarasse a quem tinha comprado as fazendas,

que elle entraria com dous terços do prejuizo.

Incauto que foi o tal logista, que ainda acreditou na maranha do trapaceiro.

E' verdade que aonde se apanha o furto, aqui está o ladrão, porem a declaração ao menos podia atrapalhar o refinado ladravaz.

— O diabo sempre ajuda aos seus.

— O logista obstinou-se em não declarar quem lhe vendera a fazenda e acarretou sobre si inteira a responsabilidade.

Mas enfim... arranjou-se a negociada e com 2:400 rs. com que o logista entrou serenou a tempestade.

Tocava por tanto ao subtil gallego cahir com 1:600 rs., isto é, dous terços do prejuizo, segundo elle promettera.

O logista nunca viu tal dinheiro: a principio pedia espera de hoje, amanha e assim foi correndo tempo.

Um dia porem, disse com inacreditavel cynismo, que nada devia, por que elle vendia carne de sertão e cachaça e não fazendas.

— Que ave de rapina!

(Continua).

CHAPA POPULAR E ARTISTICA DO CURATO DA SÉ.

Angelo José Ferreira Coelho, negocio.
Arnaldo Gentil, Ibirapitanga, emp. pub.
Marcolino Rodrigues Sanches, art.
Francisco Xavier d'Oliveira, art.
Antonio Francisco Lopes, art.
Marciano Antonio da Silva e Oliveira, prof.
João Emygdio da Silva Lima, art.
João Alves Vieira, emp. pub.
João Francisco Coelho Flores, art.
João Luiz Pereira da Silva, neg.
Guilherme Augusto da Fonseca Lima, emp. p.
José Porciano Ribeiro Carnauba, art.
José Maria Franco, art.
Lazaro Antonio de Jesus, art.
Paulo Manuel Coitinho, art.
Silvestre José Pereira, neg.
Tenente Sebastião Alves Pessoa, neg.
Severo José do Nascimento, art.
João Pereira dos Santos, art.
Tranquillino Teixeira da Silva Biquiba, art.
Manuel Pedro da Costa Nunes, art.
Albino Augusto de Magalhães Castro, emp. p.
Protasio Apolonio Trigueiro, emp. pub.
Francisco Emilio Pereira Rocha, emp. pub.
Antonio Eliseu do Sacramento Paranhos, emp.
Hygino Rodrigues Sanches Palmeira, art.
Francisco Borges de Barros, emp. pub.
Paulino Feliciano Castilho, emp. pub.
Alferes, Horacio José de Lemos, art.
Astolfo Francisco de Andrade, emp. pub.
José dos Reis Herculano, art.

VARIÉDADES

CIVILISAÇÃO DE PORTUGAL.

Annuncios mandados fixar na porta da capella de Linda-Velha, freguezia de Carnavedo em 1843 pelo professor regio da primeiras lettras.

4.º ANNUNCIO.

(Vae com a propria orthographia.)

«O Professor Regio d'esta Freguesia por Mercê da Nossa Augusta Rainha, que Deus Guarde, Faz saber aos Respeitaveis Senhores deste lugar que na aula de mencionado se tem exercitado um Discipulo o qual seu Mestre o encontra-avel para poder insinar as Primeiras Lettras e tambem goza de saber, e poder insinar a Lingoa Francesa, motivo porque o dito Professor o offerece aquelas meninas que se quiserem aproveitar de apprehenderem, em suas casas a ler, escrever, e a lingua hoje dja de moda, por cujo motivo todas as Pessoas que se quiserem habilitar para o indicado fim poderão tratar com o Regente da Eschola sobre o objecto exposto. Emquanto á recompensa do incomodo que se deve retribuir o suggesto indicado essa será bem limitada, que não excederá quantia disproporcionada antes vantajosa a fim de ser util á mocidade Feminina desta Freguesia.

O servo, Professor....

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Tendo de ser solemnizado no dia 2 de fevereiro proximo futuro o 16º anniversario desta imperial sociedade, o conselho administrativo convida á todos os Srs. socios effectivos para que se dignem comparecer ás 9 horas da manha na sala da mesma sociedade, afim de assistirem á missa que se tem de celebrar; e bem assim aos Srs. socios honoraries, para mais abrilhantarem o acto da sessão magna, que deve ter logar ás 11 horas; e findo este, seguir-se-ha a eleição para os novos funcionarios.

Dahia e sala das sessões do conselho da imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas 24 de janeiro de 1869.—Presidente, *Firmino Thomas d'Aquino*.—Vice-presidente, *Francisco Leonardo da Conceição*.—1.º Secretario, *Aristides Ricardo de Sant'Anna*.—2º Secretario, *José Duarte dos Santos Bahia*.—Thesoureiro, *Vicente Ferreira de Campos*.—Recebedor, *José Fernandes Alves Badaró*.—Archivista, *José Antonio Bispo de Florença*.—Visitadores, *Balbino Francisco dos Anjos e José Acyilino Neponuceno*.